



# LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A Família Buendía  
uma  
Perspetiva  
Transgeracional

Isabelle Malléroni

**Orientador de Dissertação:**

PROF. DOUTORA Maria Antónia Carreiras

**Coordenador de Seminário de Dissertação:**

PROF. DOUTORA Maria Antónia Carreiras

**Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do  
grau de:**

MESTRE EM PSICOLOGIA  
Especialidade em Clínica

2014

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutora Maria Antónia Carreiras, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## Agradecimentos

O olhar sobre uma página em branco com a possibilidade de escrever sem autores, onde as palavras que me guiam são as minhas, faz-me desejar que estas palavras cheguem a quem me auxiliou a descobrir, e respeitar as diferentes possibilidades do tempo. O tempo para mim revelou-se sempre uma variável imprescindível no processo de elaboração, a capacidade de lidar com a temporalidade, sempre se revelou uma incógnita. A impaciência, o desejo de descobrir encobriam por vezes a necessidade de um trabalho minucioso, e o processo necessário para o seu desenvolvimento.

Por isso devo agradecer a paciência daqueles que me rodearam e respeitaram o meu tempo, para o desenvolvimento desta tese, mesmo quando parecia que a sua entrega parecia uma irreabilidade. Mesmo ao coexistirem diferentes temporalidades é em função do meu tempo que elaborei a minha tese e a apresento os seguintes agradecimentos:

Luisa, Georges, e  
Carolina, obrigado.

A compreensão desta obra não teria sido possível sem vocês, a minha família. Mãe obrigado pela tua paixão pela leitura, e por me preencheres as prateleiras com livros em criança. Pai obrigado pelo teu gosto em descobrir diferentes histórias e as partilhares com a tua família. Carolina obrigado pelo teu olhar atento e autêntico. Deixo também uma palavra, para aqueles que não se encontram aqui, mas que tiveram um papel imprescindível na minha educação, avós muito obrigado.

Um grande agradecimento aos amigos que fiz durante os anos de Ispa, onde as conversas permitiram perceber que é na existência de diferentes olhares que se torna possível descobrir quem somos e o que gostaríamos de ser.

Agradeço aos professores que tiveram um papel fundamental na forma como penso, e como observo, pois cada um possibilitou a aquisição de diferentes perspectiva que me permitiram ler e sentir a obra *Cem Anos de Solidão*. Um especial agradecimento à Prof. Doutora Maria Antónia Carreiras por me ter permitido que eu percorresse este caminho no meu tempo, e me possibilitou um espaço onde a dúvida pode existir.

## RESUMO:

A transgeracionalidade, na generalidade da literatura psicológica e psicanalítica demarca-se enquanto um tema que requer atenção, devido à multiplicidade de espaços que se encontram envolvidos na compreensão e análise de uma perspectiva geracional. A transmissão de vida psíquica de uma geração para a outra, pode resultar na elaboração de *mitos*, fantasmas e na manutenção de *segredos*. Sendo estes potenciadores de disfuncionalidades a nível relacional, dificuldades no desenvolvimento de soluções, bem como dificuldades no aparelho de transformação. Assim de forma a existir uma perspectiva compreensiva das heranças familiares, e das ramificações deixadas pelas gerações posteriores elabora-se uma perspectiva, dessas mesmas heranças, através das conceções teóricas de alguns autores como, Sigmund Freud, René Käs e Haydée Faimberg. É através da análise da vida da família Buendía, descrita na obra *Cem anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez, que se iluminam algumas questões referentes ao processo de transmissão psíquica, com base num eixo geracional. O foco desta tese prende-se com a elaboração de uma análise, onde é possível verificar-se a importância das relações primárias no desenvolvimento psíquico da criança, assim como compreender quais os conteúdos transmitidos e como são transferidos. Elabora-se, também um entendimento relativamente à função exercida pelos *mitos*, *fantasmas*, e *segredos*, presentes no enredo familiar. Ressaltando a importância da constelação familiar no percurso de cada indivíduo, em detrimento da força das heranças às quais o sujeito herdeiro se encontra submetido.

**Palavras-chave:** Buendía, Transgeracionalidade, Fantasma.

## ABSTRACT:

The transgenerationality, in overall psychological and psychoanalytic literature defines itself as an issue that requires attention, due to the multiplicity of areas to be comprehended and analyzed. The transmission of psychic life from one generation to another can result in the development of myths, ghosts and secrets. These can be considered enhancer's of dysfunctions in a relational level, difficulties in developing solutions, as well as difficulties in the processing information. So in order to have a comprehensive perspective of family heirlooms, and the branches left by posteriors generations, we elaborated an understanding of those heritages through the theoretical perspectives of: Sigmund Freud, René Käs and Haydée Faimberg. It is through the analysis of the life of the Buendía family, described in the work of *One Hundred Years of Solitude*, by Gabriel García Márquez, which illuminate some issues related to the process of psychic transmission, based on a generational axis. The focus of this thesis concerns the development of an analysis, where it is possible to verify the importance of the primary relationship in the psychic development of the child, as well an understanding in the content which is transmitted and transferred. We also elaborate an understanding of the significances of myths, *ghosts* and *secrets*. Throughout the work the idea we verified the prominence of the family in the future of someone can manifest the power of heritage.

**Key-Words:** Buendía, Transgenerationality, Phantom.

## Índice

Introdução .....	1
1. Enquadramento Teórico.....	4
1.1.1. Transmissão psíquica.....	5
1.1.2. Relação subjectiva- Interacção Fantasmática.....	8
1.1.3. Fantasma.....	10
1.2. Transgeracionalidade.....	12
1.2.1. Transmissão Psíquica .....	13
1.2.2. Identificação Alienante .....	17
1.2.3. Objeto Transgeracional .....	20
2.Cem Anos de Solidão .....	23
2.1. Resumo.....	23
3. Análise.....	35
3.1. A Fundação.....	36
3.2. Rabo de Porco.....	39
3.3. Melquíades e os Manuscritos.....	45
4. Considerações Finais.....	48
Referencias Bibliográficas.....	51

## Introdução

“The end is what we start from”

(T. S. Eliot, cit in. Rojas-Urrego, A., 2003)

A individualidade de cada pessoa anuncia a existência de uma história, de uma vida fundada num passado e num presente, que prenunciam a forma como cada pessoa sonha o seu futuro. Cada história adquire múltiplos significados, enunciados tanto pelo próprio sujeito, como por aqueles que o rodeiam, e é na forma como estes significados se interligam que se pode tentar compreender o sentido da vida de cada pessoa. O rumo que cada história detém constitui-se enquanto tema transversal desta tese, onde se evidencia a dúvida, na possibilidade de escolha, que cada indivíduo tem sobre o sentido que a sua vida forma, pois esta pode espelhar um passado, por vezes, desconhecido ao próprio. Assim nesta tese pretende-se lançar um olhar sobre a transgeracionalidade, isto é, compreender a forma como a história precedente a cada indivíduo pode configurar a continuidade da sua vida e as suas escolhas. Em suma potenciar uma reflexão sobre o destino a que cada pessoa pode encontrar-se, desde do início destinada e onde passado parece imperar sobre o futuro.

É à luz da obra *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez, que emergiu em mim uma questão fundamental relativamente à possibilidade de escolha, em função de um destino diferente daquele a que somos testemunhas desde que nascemos. Foi durante as minhas leituras desta obra que ressoaram a multiplicidade de escolhas a que cada pessoa se encontra confrontada, em função de um passado, de uma origem, assim como estas podem ser o reflexo silencioso de um passado. É através da forma como o autor, Gabriel García Márquez descreve a relação entre passado e presente, onde ressalta a existência de uma fantasia que é silenciosamente transmitida de geração em geração, que se materializam as minhas questões.

Em *Cem Anos de Solidão*, é perpetuada a ideia de que sonhar com um destino diferente, é algo de impossível, pois mantém a família fechada sobre si, retratando a preocupação das personagens por um agir cego e de um repetir constante, concebendo à possibilidade de mudança ou de um agir diferente um carácter impossível. Assim, a eventualidade de se vislumbrar um destino pré-determinado acentuou a minha dúvida relativamente à liberdade de escolha, pois

concede às personagens um conjunto limitado de ações e escolhas, remetendo para uma dificuldade na existência separada e diferenciada por parte dos elementos da família. É então através do poema de José Régio, *Cântico Negro* (1925), que se vislumbrou em mim a existência da possibilidade de poder sonhar com um futuro diferente, pois permitiu e possibilitou o espaço da dúvida. Este intensificou a minha necessidade em procurar um entendimento da família Buendía, de procurar uma compreensão do que a leva a permanecer neste enredo perpetuo, colocando ênfase no entendimento do nódulo originário.

*“Vem por aqui” — dizem-me alguns com os olhos doces  
Estendendo-me os braços, e seguros  
De que seria bom que eu os ouvisse  
Quando me dizem: "vem por aqui!"  
(...)  
E cruzo os braços,  
E nunca vou por ali...  
(...)  
Não, não vou por aí! Só vou por onde  
Me levam meus próprios passos...  
Se ao que busco saber nenhum de vós responde  
Por que me repetis: "vem por aqui!"?  
(...)  
Não sei por onde vou,  
Não sei para onde vou,  
Sei que não vou por aí!*

Tendo em consideração que a família é um dos pilares que edifica o mundo onde a criança nasce, é também nesta rede pré-estabelecida e em construção que a criança se desenvolve e cria o seu próprio mundo, assim como aquele que recria para si própria. Dentro de família é possível iluminarem-se diferentes mundos, o que realça a multiplicidade de temas possíveis de serem pensados, assim como os laços familiares que se estabelecem e a forma como estes apoiam a construção do espaço psíquico de cada indivíduo. A forma como uma família é constituída, as razões sobre as quais se materializam os alicerces de uma família, sempre constituíram uma das questões que intrigaram a imaginação de diversos autores. Talvez um olhar diferente sobre a família Buendía possa aclarar algumas questões sobre o que é transmitido e como são transmitidos estes mesmos conteúdos ao longo de sete gerações, e principalmente o que é mantido vivo ao longo do tempo.

Na obra são descritos os vínculos entre diferentes membros da família, e entre as diferentes gerações. A vida da família Buendía é exposta à semelhança de uma tragédia onde o tempo não perdoa o passado, ou talvez o passado não absolve o tempo. A passagem do tempo em *Cem Anos de Solidão* reflete um paralelo com o desenvolvimento psíquico, assim como a interdependência com a construção social e cultural, que nesta obra se encontram intimamente associadas, pois sustentam a família como esta as suporta.

Como todas histórias, *Cem Anos de Solidão* também se encontra envolvida por uma realidade externa, colorida através da religião, de política e de tempos diferentes que fazem expressar o vínculo particular da família Buendía com o sítio escolhido para viver. As particularidades presentes na família Buendía tais como as premonições, os fantasmas, e visões, constituem-se como uma fórmula mágica exclusiva à família Buendía, que detém em si uma função para a continuidade geracional da mesma. A forma como estas particularidades se encontram associadas à realidade externa conferem-lhe um carácter organizador. Existe assim a escolha de entender a função desempenhada por estas, tanto na edificação como no desvanecer da vila de Macondo. Propõe-se assim a compreensão do funcionamento psíquico da família Buendía, com base na transmissão psíquica, em particular na transmissão de uma fantasia que organiza o sentido de vida, ou destino desta família.

## 1.Enquadramento Teórico

*“A vida não é a que cada um viveu, mas a que recorda e como a recorda para contá-la”*

*(Márquez, G.G., 2002)*

### 1.1. Transmissão Psíquica

Neste capítulo propõe-se a exploração do tema relativo à transmissão psíquica, com base nos conceitos que a fundamentam. Tendo em consideração a multiplicidade de formas como avaliar o tema, evidenciam-se neste capítulo as hipóteses que enquadram a transmissão psíquica, enquanto uma das variáveis que alicerçam a estruturação do aparelho psíquico do sujeito em função das gerações que o precedem (Käes, 1993a,b; Faimberg, 1993; Ciccone,1999). Tendo em conta uma abordagem condensada do pensamento Freudiano no que concerne ao mundo psíquico, o sujeito é simultaneamente, herdeiro, subordinado e beneficiário da vida psíquica dos seus antepassados (Käes,1993a). Neste sentido expõem-se alguns conceitos elaborados por Sigmund Freud que alicerçam e auxiliam a compreensão dos conteúdos que potenciam a origem da vida psíquica do indivíduo (Käes, 1993; Faimberg, 1993; Ciccone, 1999).

Aquando de uma reflexão sobre o sujeito caracterizado enquanto indivíduo subordinado ao passado dos seus antecessores, torna-se pertinente explicitar os conceitos apresentados por W.R. Bion, de forma a conceptualizar a importância da relação subjetiva do indivíduo com o outro (Maniadakis,2010), bem como o conceito de interação fantasmática apresentado por Serge Lebovici (Lassman, 2013).

De forma a concluir o presente capítulo exploram-se também, as ideias apresentadas por N. Abraham Torok e Maria Torok, que possibilitam as matrizes compreensivas para uma abordagem associada à transmissão psíquica em função de um encapsulamento no ego aquando da elaboração do processo de luto, bem como na formação da cripta e do fantasma (Maniadakis, 2010; Lassman.,2013).

### 1.1.1. Vida Psíquica

A transmissão psíquica caracteriza-se enquanto um dos temas transversais da obra Freudiana, neste sentido exploram-se as hipóteses correspondentes ao vínculo entre gerações e a forma como este se interliga com a formação do psiquismo e com o desenvolvimento das estruturas psíquicas fundamentais ao desenvolvimento humano (Käes, 1993a).

Na perspectiva de Sigmund Freud, em *Totem e Tabu* (1912-1913, cit. in Käes, 1993b) a transmissão psíquica caracteriza-se como uma necessidade do ser humano, com o objetivo de perpetuar os conteúdos geracionais, e os processos representativos a nível geracional. Associa, também a transmissão psíquica à complexidade do trabalho psíquico exigido ao sujeito individual, assim como à ideia de este se constituir enquanto herdeiro, resultante da culpa dos seus antepassados. Resulta na emergência da oposição de dois conteúdos: os objetos simbólicos e as aquisições culturais (Käes, 1993b). A culpa emerge enquanto organizador das aquisições culturais, pela relação estabelecida entre o Totem e o Tabu, em função do interdito do incesto, com base no desejo de transgressão (Ciccone, 1999).

Assim o Totem representa simbolicamente o pai, conceptualizado para ser morto pelo filho, para que este se aproprie da força do seu antepassado, guiado pelo desejo de transgressão, constituindo-se assim enquanto interdito (op. cit.). Segundo Freud (1912-1913 cit. in Ciccone, 1999) a possibilidade de concretização faz emergir uma ambivalência de sentimentos. Evidencia-se, em consequência da transgressão, um dualismo no resultado. Pois a morte do Totem simboliza simultaneamente a possibilidade da continuidade geracional, através da apropriação da sua força, que permite a procriação, bem como a culpa pelo assassinato do Totem (op. cit.). O Tabu é considerado o catalisador dos sentimentos ambivalentes emergentes da força do Totem, devido ao desejo inconsciente da concretização do incesto permanecer vivo no inconsciente. Este caracteriza-se como contagioso, pois pode ser deslocado e fazer emergir a ilusão da possibilidade de fuga ao interdito (Käes, 1993a).

A forma como estes conteúdos se encontram descritos enfatiza a importância de como se procede à continuidade da vida psíquica e como são perpetuados os conteúdos. Pode então elaborar-se uma relação entre o desejo de transgredir o Totem, e o seu deslocamento através da transgressão. Colocando a questão na forma como o desejo de transgressão se perpetua ao longo das gerações (Käes, 1993b), Käes afirma:

“Les tabous sériant des prohibitions très anciennes qui auraient été autrefois imposées de l’extérieur à une génération antérieure. Ces prohibitions portaient sur des activités qu’on devait avoir une forte tendance à accomplir. Elles se sont ensuite maintenues de génération en génération, peut-être seulement à la faveur de la tradition, transmise par l’autorité paternelle et sociale. Il se peut aussi qu’elles soient devenues une partie « organique » de la vie psychique des générations ultérieures.” (Freud, 1912-1913, cit. in Käs, 1993b, p.40).

Neste sentido Freud (1912-1913, cit. in Käs,1993b) propõe o foco na formação do inconsciente, na transmissão do próprio recalçamento e não apenas no seu conteúdo. Assim podem evidenciar-se duas problemáticas relativas à forma como o vínculo é perpetuado ao longo das gerações: um relativo ao próprio funcionamento do sujeito e um outro relativo à forma como se relaciona com o mundo que o rodeia. O primeiro remete para a formação do aparelho psíquico inconsciente onde o sujeito confere significado às experiências afetivas das gerações anteriores, pressupondo a existência de um vínculo para a repetição, enquanto parte orgânica do sujeito herdeiro (Käs, 1993b; Ciccone, 1999). O segundo explicita a existência de identificações apropriativas, consideradas enquanto imediatas e imaginárias que sustentam o processo de transmissão trans-individual e colocando a questão da identificação enquanto indicador da existência de uma aliança inconsciente. A possibilidade de estas proibições se poderem definir como inerentes ao próprio inconsciente, faz emergir a hipótese de o bebê vir ao mundo com um funcionamento de potenciais estruturas psíquicas, que se atualizam em função da interação intersubjetiva com o meio que o rodeie (Käs, 1993b).

Freud perpetua ao longo do seu corpo teórico, a ideia que “ L’héritage archaïque de l’homme n’englobe pas seulement des dispositions mais aussi des contenus, des traces mnésiques relatives au vécu de générations antérieurs” (op. cit. p. 56). Na perspectiva de René Käs (1993b) podem evidenciar-se, na obra de Sigmund Freud, quatro problemáticas relativamente à transmissão psíquica que possibilitam uma rede compreensiva do sujeito. Assim, segue-se a explicitação da transmissão intrapsíquica, intersubjetiva, transpsíquica e a formação do ego.

A *transmissão intrapsíquica* remete para a forma como são representados os objetos de transmissão a nível da realidade interna. Colocando a questão sobre o que é transmitido ou

transferido e como é que os conteúdos são elaborados. Enfatiza-se assim a existência de estruturas que desempenhem uma função de intermediários em detrimento dos investimentos, deslocamentos afetivos, energia e de representação. As formações intermediárias caracterizam-se enquanto motores potenciadores de elaboração do que é transmitido, através do sonho e do processo associativo. É-lhes conferido uma função económica, bem como de separação e ligação entre os diferentes elementos transmitidos ou transferidos. Em suma são considerados enquanto mediadores entre os elementos descontínuos e concomitantemente uma instância de articulação de diferentes simbolizações. A *transmissão intrapsíquica* relaciona-se também com a *formação do Ego*, pois este é definido enquanto uma formação intermediária e concetualizado enquanto um sistema defensivo, de adaptação e de regulação. É nesta necessidade de mediação entre a realidade interna e externa que se revela a importância das relações familiares, podendo estas considerar-se enquanto uma das problemáticas da transmissão (Käes, 1993b; Ciccone, 1999).

A *Transmissão intersubjetiva* evidencia duas realidades, a interpísica e a realidade intersubjetiva. A realidade interpísica refere-se à relação entre aparelhos psíquicos tanto na sua formação bem como no desenvolvimento de espaço psíquico que engloba a relação com a realidade intersubjetiva. A realidade intersubjetiva refere-se à descrição e interpretação das relações imaginárias, simbólicas e reais, que têm origem na família, através da possibilidade de estabelecimento de laços intersubjetivos. Estes regem-se segundo uma lógica tanto intra como intersubjetiva, isto é os objetos e os elos de identificação ao objeto ou ao fantasma do desejo pelo outro, remetendo assim para os movimentos pelos quais o sujeito se identifica com o desejo ou com o vestígio do que é transmitido em comum, e conseqüentemente, as estruturas básicas do ego e superego. Neste sentido é de referir a emergência do Complexo de Édipo enquanto organizador. Isto porque ordena as relações de prazer e de interditos entre sujeitos, onde cada sujeito reconstrói no campo das representações a diferenciação entre os sexos e as gerações, bem como elabora as identificações correspondentes (Käes, 1993 a, b).

A *transmissão transpsíquica* pressupõe a existência de um espaço psíquico de elaboração transformativa da transmissão, pois a transmissão psíquica pressupõe a abolição dos limites e dos espaços subjetivos, verificando-se uma invasão do espaço do outro. Este conceito é assim introduzido em *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914, cit. in Käes, 1993b), onde é enfatizado a importância da relação do sujeito com aqueles que o antecedem, pois o sujeito encontra-se simultaneamente dependente de si, bem como das gerações que lhe precedem. Pois “L’amour

des parents, si touchant, et au fond si enfantin, n'est rien d'autre que leur narcissisme" (Freud, 1914, cit in Faimberg, 1993, p.64), fazendo emergir a questão de onde o sujeito individual se constrói, a função que o próprio comporta na vida familiar, e a forma como este se constrói enquanto uma peça de transmissão.

### **1.1.2. Relação subjetiva - Interação Fantasmática**

W.R. Bion, D. Winnicott, Serge Lebovici revelam-se enquanto autores relevantes na discussão da transmissão psíquica, pelo desenvolvimento teórico que construíram. W.R. Bion demarca-se pela sua definição de identificação projetiva associada à forma de representar a interação mãe – bebê enquanto constitutiva da psique da criança (Lourenço, 2005). D. Winnicott destaca-se pela importância conferida à relação mãe-bebê, onde refere a impossibilidade de sobrevivência do bebê na ausência da relação maternal. Pois este encontra-se duplamente dependente, seja pelo carácter físico, como na qualidade do seu desenvolvimento psíquico (Lourenço, 2005). Serge Lebovici, por sua vez, permite uma abordagem da interação fantasmática, enquanto fundadora da componente fantasmática.

Neste sentido, dá-se início a uma breve explicitação dos conceitos elaborados pelos autores anteriormente referidos, que permitem assim uma melhor compreensão dos fenómenos evidenciados aquando da análise da transmissão psíquica. W.R. Bion, ao longo das investigações desenvolvidas, descreve os conceitos relativos à função alfa, a função transformadora do aparelho psíquico, onde ambas as funções detêm como pressuposto uma função de transmissão. Assim nos seus trabalhos desenvolvidos, W.R. Bion aquando da concepção do seu modelo de relação grupal expõe o facto que o bebê desenvolve-se em torno de uma psique grupal; "La psyché individuelle, dans son origine ne se constitue que par un système de projection-reprojection qui transforme du corporel en psychique. La psyché de l'enfant prend naissance nécessairement dans ce creuset groupal qu'est la "rêverie familiale" l'inconscient familial" (Ruffiot, A., cit. in Käs & Anzieu, 1987, p. 53).

É através do desenvolvimento do conceito de identificação projetiva normal que W.R. Bion elabora a matriz da interação entre a psique em desenvolvimento da criança e a da mãe, sendo esta constitutiva da psique da criança. De forma a compreender o processo de constituição do aparelho transformador torna-se necessário descrever os conceitos de *função alfa*, de *rêverie materna* e de aparelho continente-conteúdo. Assim sendo a *função alfa* corresponde à função

psíquica da mãe, que é transferida para a criança ou pelo menos ativadora da constituição da própria *função alfa* da criança. A *função alfa* corresponde à capacidade materna em desintoxicar as projeções do bebê na *rêverie* interpretadora, transformando os elementos projetados pensáveis, possíveis de ser re-injectados e conseqüentemente de o bebê constituir o seu próprio aparelho de pensamento. Pode então concluir-se que a constituição deste aparelho psíquico é formado na e pela interação psíquica intersubjetiva (Lourenço, 2005). A função transformadora permite ao bebê elaborar as suas próprias experiências emocionais subjetivas, potenciando a mentalização das suas percepções, é também através desta função que o bebê se apropria do que herdou, onde subjetiva os objetos de transmissão, onde acolhe enquanto seus enunciados de uma história inconsciente que lhe é estranha. “La croissance mentale repose sur l’intériorisation des contenants- contenus, formés par le processus d’identification projectif” (Ciccone, A., 1999, p.45).

Neste sentido revela-se a necessidade de definir tanto o conceito de identificação projetiva normal como o de identificação projetiva patológica, não apenas numa perspectiva quantitativa mas também qualitativa. Onde a primeira remete para às partes projetadas não desintegradas e a segunda refere-se às partes desintegrantes dos objetos estranhos, que se encontram carregados de hostilidade persecutória. A função da identificação projetiva prende-se com a necessidade de libertar o ego de todas as percepções da realidade externa e interna, sentida pela parte psicótica como a violência persecutória, em vez da necessária angústia depressiva imposta pela realidade (Ciccone, 1999).

Na perspectiva de Serge Lebovici (1992, cit in Lassmann, 2013) o bebê constitui-se enquanto o representante do entrelaçar de três gerações da vida de um casal. Pois o bebê ao longo do seu desenvolvimento sofre investimentos narcísicos por parte dos pais, que os protege da sua própria ambivalência relativamente à criança, potenciando assim uma estrutura à componente fantasmática (Lebovici & Castarède, 1992, cit in Lassmann, 2013).

No que respeita ao desenvolvimento psíquico do bebê, segundo Cobelence e de Lebovici (1996, 1992, cit in Lassmann, 2013) a interação é anterior à fantasia, pois esta desenvolve-se a partir da interação, onde a mãe coloca grande parte das suas fantasias. Neste sentido o bebê é que “cria” a mãe, pois é pela forma como esta responde ao bebê que resultam na forma como esta reativa a história, podendo evocar emoções sobre as quais pode não ter consciência. É Antes do bebê falar que demonstra através do seu comportamento o estado das suas proto - representações

que posteriormente se transformam em fantasias. No momento da interação mãe-bebé coexistem diversos fantasmas, onde o bebé participa na organização das representações maternas e nos efeitos provocados pela resposta, que dão lugar à realidade experienciada pelo bebé. Aquando da interação mãe-bebé, o bebé não corresponde apenas à realidade, mas coexistem diferentes versões da criança, sendo estas o bebé *imaginado*, o *fantasmático*, o *mítico*, e o *narcísico*. O *bebé imaginário* desenvolve-se durante a gravidez refletindo o espaço dedicado ao bebé na vida da mãe, o *bebé fantasmático* é construído de acordo com os desejos infantis bem como os conflitos intrapsíquicos maternos, o *bebé mítico* é elaborado em função da cultura onde cada indivíduo se desenvolve, e por último o *bebé narcísico* que corresponde aos investimentos libidinais e conflitos dos adultos. A malha narcísica representa o interesse narcísico dos pais, referindo o papel fundamental que esta detém enquanto um pré-requisito para um desenvolvimento equilibrado da criança. A fantasia detém um papel fundamental na vida do bebé, pois corresponde às tentativas de integração de experiências recentemente vividas (Lebovici, S., 1992, cit in Lassmann, 2013).

Na perspectiva de Lebovici (1992, cit in Lassmann, 2013) a informação genética, histórica, fantasmática e os fatores sociais interagem de forma a atingir um equilíbrio. No que respeita ao desenvolvimento maturacional é de mencionar existência de lógica temporal, isto é uma temporalidade diferente no que concerne ao próprio processo de elaboração e do que possa significar no futuro. Outro fator a ter em conta no processo de elaboração dos conteúdos é referido por Lebovici (1992, cit in Lassmann, 2013) em que este considera que a elaboração *après-coup*, isto é depois do evento, transforma originalmente de forma aleatória em percussores do que aconteceu muito posteriormente, tornando-os preditores.

### **1.1.3. Fantasma**

Os trabalhos desenvolvidos por N Abraham e M. Torok, relativamente aos processos de luto e à elaboração de uma reavaliação do conceito de introjeção, potenciaram uma revolução na investigação da transmissão psíquica (Käes, 1993b, Ciccone, 1999, Lassman, 2013). É através dos conceitos de cripta e de fantasma que desenvolvem a transmissão do negativo e da não simbolização (Käes, 1993b).

Segundo Nachin (2006 cit. in. Lassman, 2013) foram N. Abraham e M. Torok que potencializaram a diferenciação de dois conceitos de interiorização: a introjeção e a inclusão. A introjeção processa e apropria-se das experiências com o objeto, tornando-a acessível à linguagem, designando o lugar do objeto, pressupondo a simbolização de uma determinada experiência a todos os níveis, afecto, percepção, assim como na representação verbal. A inclusão, por sua vez instala o objeto num espaço próprio, do sujeito, que o torna impensável, intimamente relacionado com o conceito de cripta (Lassman, 2013). A formação da cripta encontra-se associada a uma forma de encapsulamento, resultante de uma perda objetal narcísica, indispensável ao sujeito, bem como impossível de ser admitida, por se formar através da partilha de um segredo caracterizado pela vergonha (Ciccone, 1999; Maniadas, 2010). Neste sentido N. Abraham e M. Torok referem que os processos de inclusão e incorporação são consequentes desse mesmo luto infável, onde o encapsulamento no ego permite o desenvolvimento de um espaço psíquico que isola a experiência e evita o sofrimento psíquico emergente (Ciccone, 1999).

A premissa resultante da formação de criptas pressupõe que o segredo partilhado tenha sido consequência de um objeto detentor de uma função de Ideal do Ego, refletindo uma relação simbiótica entre dois sujeitos protagonistas de uma identificação projetiva (Ciccone, 1999). A perda deste objeto faz emergir uma fixação num luto indizível, que leva à incorporação do mesmo, traduzindo-se assim no conservar do segredo por parte do indivíduo (Ciccone, 1999; Gomes, 2008).

N. Abraham e M. Torok debruçando-se sobre o processo sobre o qual o sujeito apropria as características do objeto perdido em função da sua própria identidade, isto é o objeto fantasiado, definem o conceito de identificação endocríptica como sendo “ le “jê” s’entend comme le moi fantasmé de l’objet perdu” (1975, cit. in Ciccone, 1999, p.81). Tendo este como função manter a ilusão do *status-quo* tóxico, anterior ao trauma. As investigações de N. Abraham e M. Torok evidenciam também a dupla impossibilidade à qual o indivíduo se encontra confrontado, sendo primeiramente relacionado com a dificuldade em elaborar um ideal partilhável a partir de um segredo resultante da vergonha, e secundariamente a possibilidade de denunciar o segredo, podendo resultar na perda do ideal. Este pressuposto propõe que as questões emergentes da formação da cripta não remetem para um conflito neurótico, mas sim de um recalçamento conservador, sendo este a negação, a idealização, clivagem.

Outros dos conceitos elaborados por N. Abraham e M. Torok, refere-se ao conceito de fantasma que remete para a exposição do sujeito a uma relação com um indivíduo possuído de criptas no seu próprio espaço psíquico, isto é “le travail dans l’inconscient du secret inavouable d’un autre (inceste, crime, bâtardise).” (1975, cit. in Ciccone, 1999, p.84). Isto é a sua transmissão de uma geração para a outra constituiria o fantasma, que pressupõe o desconhecimento do sujeito sobre a mesma cripta, relacionando o trabalho do fantasma como idêntico à pulsão de morte.

Esta formulação é cimentada também por N. Abraham e M. Torok (cit. in Kães, 1993) aquando das investigações elaboradas sobre o fantasma e a formação da cripta, resultando assim na ideia de que nada é destruído, e ainda na perspectiva de Kães (1993a) “ rien ne peu être aboli qui n’apparaisse pas, quelques générations après, comme énigme, comme impensé, c’est-à-dire comme signe (...) ” (op. cit. p.45). Pode então concluir-se que o que é transmitido e que permanece enigmático na transmissão, na perspectiva de Ciccone (1999) reflete a não resolução do mesmo, afirmando também que é o conteúdo reprimido que é então transmitido.

## **1.2. Transgeracionalidade**

Neste capítulo propõe-se a exploração do tema relativo à transgeracionalidade, isto é a compreensão da transmissão psíquica com base nas relações geracionais. A compreensão deste tema pressupõe a perceção do indivíduo enquanto membro de um grupo, onde é simultaneamente influenciado e fonte de influência, tendo como foco a importância das relações geracionais. As relações geracionais detêm um papel fundamental na formação do psiquismo assim como no desenvolvimento das estruturas fundamentais e dos respetivos processos (Kães, 1993a).

A transgeracionalidade refere-se à forma como cada indivíduo se constitui nos movimentos introjetivos e projetivos, isto é, entre o dentro e o fora, o eu e o outro, o passado e o presente, a continuidade e a diferença (Baranes, 1993). Na perspectiva de Jean- José Baranes (1993) a transmissão transgeracional encontra-se sempre presente, pois existe sempre um outro dentro de cada sujeito. Neste sentido dá-se a entender o conceito de transgeracionalidade em função de uma perspectiva estrutural do psiquismo individual em detrimento da sua construção

intersubjetiva.

Elabora-se da mesma forma as ideias referentes à componente fantasmática, pois esta revela-se, também, fundamental. Pois aquando do estudo da transmissão psíquica não deve ser ocultado a existência de um fantasma de transmissão (Käes, 1993a, cit. in Ciccone, 1999). Conduz assim, à necessidade de analisar o aspeto fantasmático da transmissão, como um fantasma organizador dos diferentes vínculos intersubjetivos e geracionais realizadores de diferentes funções em detrimento das diferentes problemáticas psíquicas particulares, patentes nos diferentes sujeitos (Ciccone, 1999).

Neste sentido, no presente capítulo, são explorados conceitos diretamente relacionados com o estudo da transgeracionalidade tendo como base a família e a herança. Efetua-se assim a explicitação dos fundamentos que constituem a transmissão psíquica, em concordância com uma abordagem psicanalítica, para que possa existir um entendimento na forma como a transmissão psíquica se produz, e quais os conteúdos transmitidos ao longo das diferentes gerações. Onde se destacam as ideias conceptualizadas por René Käes na questão referente à *transmissão psíquica*. Enunciam-se, também, os conceitos formulados por Haydée Faimberg, que introduzem a ideia referente à *telescopagem de gerações*, e por fim o conceito de *objeto transgeracional* de Albert Eiguer. Sendo estes alguns dos autores impulsionadores de uma análise psicanalítica e contemporânea no que respeita às respostas de *que* e *como* os conteúdos fantasmáticos são transmitidos de geração em geração.

### **1.2.1. Transmissão Psíquica**

A transmissão psíquica é compreendida por R. Käes enquanto um fenómeno universal, uma produção intersubjetiva da mente, assim como as heranças familiares se enquadram enquanto organizadoras da mente. Desta forma a transmissão psíquica, na perspetiva do autor, encontra-se relacionada com a formação do inconsciente e dos efeitos da subjetividade que daí resultam (Käes, 1993a). R. Käes (1993a,b) introduz, também, a importância das problemáticas narcísicas relacionadas com a transmissão psíquica, mencionando que estas se encontram intimamente relacionadas com a existência de uma ferida na história de cada sujeito. Sendo estas o espelho existente na dificuldade de compreensão sobre o que permanece inacessível relativamente à origem de cada indivíduo, isto é a essência do desejo no e pelo outro.

Na perspectiva de R. K aes (1993a,b) a intersubjetividade corresponde a uma condi o da existência do ser humano, onde se revela a realidade intersubjetiva de cada sujeito.   esta que define o indivíduo, como sendo um sujeito de herança e de grupo, em virtude da multiplicidade de espaços psíquicos intersubjetivos dos quais o sujeito   servidor e herdeiro pois   “dans le groupe s’accomplissent des actions psychiques qui soutiennent ou lib rent le refoulement des représentations, la r pression des affects, le renoncement pulsionnel.” (K aes, 1993a, p.5.) Porque cada indivíduo   influenciado por uma pr -h st ria, anterior ao seu nascimento, organizada em rela o a uma determinada rede de investimentos, onde se verificam o entrelaçar de diferentes pessoas. Que conseqüentemente abrange “leurs «rêves de d sires irr realises», des leurs refoulement et de leurs renoncements, dans le maillage de leur discours, de leurs fantasmes et leurs histoires.” (K aes, 1993a, p.5), sendo estes considerados o corpo do *conjunto intersubjetivo*, que envolve cada sujeito. R. K aes (1993b) conceptualiza, então o sujeito enquanto sujeito inconsciente em fun o de dois determinantes convergentes: o primeiro resultante do funcionamento inconsciente específico no espaço intrapsíquico, e o segundo decorrente da exigência do trabalho psíquico imposto   psique pelos vínculos intersubjetivos, i.e. família.

Neste ponto centrar-nos-emos no segundo determinante, isto   no impacto da imposi o da intersubjetividade na estrutura o do psiquismo humano. K aes (1993b) enfatiza a importância da qualidade dos investimentos narcísicos da criança pelos pais e pelo conjunto intersubjetivo no interior do qual o recém-nascido veio ao mundo.   através do mundo onde a criança se desenvolve em conformidade com as matrizes de investimentos, que cada indivíduo adquire um conjunto de signos, formas de ataque e defesa.   nesta rede de investimentos que lhe são dados um conjunto de objetos assim como anunciam os seus limites e enunciam os interditos. O sujeito   então o resultado do desejo, das intera o es que são o veículo do desejo, de interditos e de um conjunto de representa o es.   no entanto através da linguagem e da palavra das gera o es precedentes utilizadas pelo sujeito (predisposi o es significantes) e que o sujeito herda, que origina a psique humana.

R. K aes (1993b) enfatiza, também, o papel da transmissão: na compreensão sobre a forma como se transmitem os sintomas, os mecanismos de defesa, a organiza o das rela o es de objeto, sobre a forma como os objetos e os processos de transmissão psíquica estruturam o laço intersubjetivo e a forma o do sujeito singular, na constitui o do inconsciente e na transmissão do recalamento, sobre o destino da criança herdeira, sobre as identifica o es ao fantasma

inconsciente ou ao objeto do outro, na genealogia dos fantasmas, na dolorosa relação do luto e da herança. Neste sentido parece existir um imperativo psíquico incoercível, resultado das exigências pulsionais inconscientes, que se salientam de acordo com as exigências narcísicas de conservação e de continuidade da vida psíquica, bem como aquelas do ideal do ego e superego, onde se encontram incluídos os interditos fundamentais.

Seguidamente explicita-se a razão da transmissão psíquica, tendo por base os conceitos elaborados dentro das explorações teóricas da psicoterapia familiar bem como da do grupo, que ressaltam a existência de um fenómeno comum, a *urgência de transmitir* e em *transferir* para um outro aparelho psíquico aquilo que não pode ser mantido no próprio. Isto é, transmitir para outro aparelho psíquico o que não consegue ser internalizado pelo sujeito, ou pelos sujeitos do grupo pela existência de uma forte aliança de interesses inconscientes. Sobressaindo a ideia de existir uma necessidade intrínseca de transmitir devido à influência de um imperativo psíquico incoercível. As reflexões elaboradas em função da transgeracional têm enfatizado a vertente da psicopatologia, o que faz sobressair a necessidade de distinguir duas formas de transmissão: a intergeracional ou intersubjetiva, em que a passagem de uma geração à outra é realizada através de um processo de transformação, e a transmissão transgeracional ou transpsíquica, em que o transmitido não adquire o estatuto representacional e histórico. Neste caso, a transmissão ocorre através e não entre as gerações, pois não é metabolizada (Käes, 1993b).

Na perspectiva de Käes (1993a) é no processo terapêutico que pode evidenciar-se a existência de uma *dimensão negativa*, pela violência da própria transmissão e devido ao facto de o negativo nem sempre ser diretamente representável na transferência, na forma como se manifesta, isto é, na ausência da transferência, ou como ataque à ligação. Tomando forma enquanto uma *não transmissão* ou *transmissões do inerte*, pois a violência da transmissão estabelece-se para lá do que é acessível pela linguagem, é a *transmissão da coisa*, associada a uma necessidade de interromper a transmissão. A dimensão negativa da transmissão caracteriza-se aquando de uma transmissão delineada pela falta, pela ausência, isto é no que se encontra em ausência de inscrição e de representação. A inscrição da transmissão no registo do negativo, do defeito da metabolização psíquica e a falha aparecem enquanto condições necessárias para que o espaço psíquico possa se constituir. Para que o processo de transmissão se possa efetuar, deve-se ao que está fora da vontade e da atividade de representação que é em si a essência da transmissão, sobressaindo, também, a essência do interdito que torna impossível a representação, o jogo do

fantasma, o prazer e o trabalho do pensamento. Assim pode concluir-se que nem tudo aquilo que é retido ficará inteiramente inacessível para a geração seguinte, ficam traços, sintomas que continuarão a ligar as gerações entre elas. No entanto, de acordo com Gomes & Zanetti (2008), transmitir-se-iam também aspetos positivos e adaptativos, como os que amparam e asseguram as continuidades narcísicas, a manutenção dos vínculos intersubjetivos, a tendência à conservação e à preservação das formas de vida, entre outros aspetos transformadores, criativos e de proteção do psiquismo. Na perspectiva de Ruiz Correa (2003), a transmissão ocorreria de duas maneiras, uma decorrente das imagens psíquicas originadas na vida libidinal do sujeito e outra guiadas pela censura e os segredos, que, embora inicialmente não sejam traumáticos, passam a sê-lo pela confluência de diversas situações.

Com base nos trabalhos desenvolvidos por W.R. Bion, R. Kães (1993a) elabora a diferenciação entre a transmissão dos *objetos transformáveis* e a *transmissão de objetos não transformáveis*. Os primeiros transformam-se naturalmente no seio da família, constituindo a matéria psíquica da história que as famílias transmitem de geração em geração. Os segundos caracterizam-se pelo objetivo de atacar o próprio aparelho psíquico, isto é o aparelho de transformação dos membros da família. Sendo que estes permanecem sobre a forma de quistos, incorporados, inertes, e quando são transferidos é sob a forma de transfusão, ou identificação adesiva. Assim na conceção de R. Kães (1993a) a transformação destes mesmos objetos pode acontecer no momento em que exista um outro grupo transformacional, o dispositivo de grupo pode pôr em marcha o processo de transmissão da herança psíquica. Pois refere que a patologia da transmissão não pode ser considerada por definição um atributo, mas uma formação que toma forma enquanto função tanto no processo psíquico do sujeito singular como no processo psíquico do conjunto intersubjetivo. Tal processo segundo Ruiz Correa (2003), exige um trabalho psíquico inconsciente constante e obrigatório, envolvendo a elaboração e a transformação.

Na perspectiva de R. Kães (1993a) o fantasma de transmissão detem uma dupla função: defender o sujeito da angústia de se tornar sujeito do seu inconsciente e representar o sujeito na sua própria posição de sujeito de geração. Assim, o autor elabora a diferença entre transmissão que corresponde à repetição bruta, traumática, do fantasma de transmissão, e a transmissão onde o sujeito se apropria da sua própria história, reapropriando e recriando os elementos que o constituem. Em suma, a transmissão psíquica pode ser percebida como o processo resultante das ligações psíquicas entre os aparelhos psíquicos e como as transformações operadas por essas

mesmas ligações. Pressupõe a noção verificável das formações de criptas e de fantasmas de um não trabalho da transmissão psíquica. Evidencia-se a necessidade de considerar que esta requer a diferenciação entre o que é transmitido e aquilo que é recebido e, conseqüentemente, transformado, tendo em conformidade o processo de historização do sujeito. Tendo assim em conta o processo de apropriação do sujeito de herança e a transmissão pelo ego assume o pensamento e o lugar. Coloca-se a questão da transmissão psíquica no lugar da “reinscription interprétative et non celui de la causalité linéaire” (Käes, 1993, p. 58) pois na perspectiva de Käes (1993) “L’héritage ne peut pas être reçu passivement il ne peut qu’une acquisition appropriative” (p.44). Tendo em consideração as ideias elaboradas por Freud como uma base para entender que o sujeito, para se considerar enquanto herdeiro, deve edificar-se enquanto sujeito, e, posteriormente a transmissão dada passa assim a ser considerada enquanto simbólica.

### **1.2.2. Identificação Alienante**

Para que possa existir o decifrar dos conteúdos geracionais, assim como efetuar-se o estudo da transmissão psíquica, segundo Faimberg (1993b) para tal deve existir um entendimento do discurso do paciente, reportando para a importância da transferência e da contratransferência, pois é através da primeira que é dado a conhecer o conteúdo, mesmo que o sujeito não seja capaz de o reconhecer, e no segundo sendo que se decifra o segredo.

Na perspectiva de Faimberg (1981,1985) verifica-se um processo de cristalização da mente, que se encontra intimamente relacionado com o processo de identificação, sendo neste caso particular da transmissão psíquica, caracterizado como uma forma particular de identificação - identificação alienada. As identificações alienadas caracterizam-se pelo facto de se encontrarem cingidas no ego, conseqüentemente inaudíveis, sendo apenas acessíveis num momento chave da transferência, isto é, no momento em que o analista desvenda a história secreta.

Tendo em conta que é implícito um determinado tipo de relação entre gerações, o objeto da identificação é em si um objeto histórico. Assim sendo, a identificação necessariamente inclui na sua estrutura fundamental elementos da história do objeto. A identificação tem uma causa, uma condição possível e não é simplesmente um conjunto de informação inicial que não necessita de uma explicação, sendo assim o entendimento da história da identificação torna-a cada vez mais perceptível (Faimberg, 1993a). Neste tipo de processo de identificação, existe uma história que é

condensada, pelo menos em parte não pertence à geração do sujeito, daí denominar-se de identificação alienada. Faimberg denomina a condensação de três gerações de *Telescoping of Generations* (Faimberg, 1981/1985).

Aquando do entendimento do processo de telescopagem, torna-se necessário entender a concepção referente, ao narcisismo, enunciada por Freud (1914, cit. in Faimberg, 1981) onde demonstra a forma como a criança pode permanecer presa aos ideais dos pais, e forma como a relação estabelecida pode ser o nódulo do próprio narcisismo. A possibilidade de entender a criança de uma forma separada dos pais exige que estes elaborem o seu próprio narcisismo, para que a criança possa elaborar o conflito edipiano.

O entendimento relativamente à concepção do narcisismo permite a compreensão da estruturação do ego, sendo uma das características o facto de que a relação de objeto narcísica não suporta nada do objeto que não provoque prazer. Quando há uma relação narcísica estabelecida, esta é regida pelo princípio do prazer/desprazer (Faimberg, 1981). Segundo Faimberg na existência de uma regulação narcísica gera-se uma identidade alienada do ego, na medida em que a causa se encontra na história de um outro, e não na sua própria história, revelando-se assim, uma parte clivada do ego que se identifica à lógica narcísica dos pais (Faimberg, 1981). Faimberg (1993b) expõe uma outra questão primordial para a compreensão da das identificações alienantes, centrando-se assim na compreensão narcísica do Édipo, a autora define este tempo como tendo uma função de proteger o sujeito relativamente à ferida imposta imposta pelo ego, e mais particularmente no reconhecimento das diferenças geracionais.

Neste sentido, Faimberg (1981) propõe a existência de uma equação do ego equivalente ao prazer e o desconforto com fazendo parte do não ego. Assim, quando o sujeito sente desconforto atribui a um não ego, quando o objeto faz sentir desprezo o sujeito tenderá a odiá-lo. Neste ponto torna-se necessário referir a importância da regulação narcísica bem como a forma como explicita a dificuldade em estabelecer a distinção entre o objetivo e subjetivo. Segundo a lógica acima enunciada, o não ego torna-se o antecedente lógico do objeto. Para que possa existir um distanciamento entre o objeto e o ego, essa distância implica a aceitação da perda do objeto.

Aquando de uma abordagem às figuras parentais estes não podem ser abordados como na realidade, mas como são recativados na transferência, isto é como ficaram gravados – *imprinted* – na realidade inconsciente do sujeito, sendo estes os organizadores da mente. Assim sendo os pais

do sujeito devem ser percebidos, não de uma perspectiva do real ou pelo que serão, ou foram mas pela forma como são recativados na transferência, isto é como ficam gravados – *imprinted* - na realidade inconsciente do mesmo. O sujeito muitas vezes identifica-se a estas mesmas identificações, potenciando-lhe uma função de organização da mente. É então uma parte cingida, ou alienada do ego, que se identifica com a lógica narcísica dos pais.

H. Faimberg (1981) caracteriza a *função de apropriação* e a de *intrusão* enquanto características da regulação da relação narcísica. Esta caracteriza a *função de apropriação*, como sendo o primeiro momento do amor narcísico e a *função de intrusão* como sendo o segundo momento de ódio narcísico. A *apropriação* pode ser definida como o momento em que os pais internos identificam e tomam como suas as partes positivas do bebé. A *função de intrusão* corresponde ao momento em que os pais expõem para a criança aquilo que rejeitam em si próprios, definindo-a assim com uma identidade negativa. A criança é então odiada porque é diferente mas também e sobretudo paradoxalmente porque a história dele irá ser congruente com a dos pais, e com tudo o que não é aceite por eles na sua regulação narcísica. Sendo assim no processo constitutivo das identificações alienantes os pais internos do paciente funcionam com base nos mecanismos acima referidos, no qual eles podem amar a criança apropriando-se da sua identidade para si e não conseguem entender a sua independência sem o odiar e submetê-lo a sua própria história de ódio.

Na perspectiva de Faimberg (1993a) para que possa haver uma elaboração destas identificações são necessárias pelo menos três gerações, pois os pais não são os únicos protagonistas na história, mas sim pertencem a uma estrutura familiar inconsciente. Não existindo espaço para a constituição de um espaço psíquico próprio para que a criança desenvolva a sua identidade, livre do poder alienante dos seus pais. A função alienante que origina uma clivagem do Ego na criança, produzindo um sentimento de estranheza, já que se trata de uma organização estranha que pertence a um outro.

Um dos temas importantes aquando do estudo da transmissão psíquica, remete assim para a historização, e o tempo, sendo uma das características destas identificações o facto de ser intemporal, ou eterna, pois se encontra fixada no inconsciente. Sendo assim quando a história secreta é revelada, torna-se assim possível modificar estas identificações. Faimberg (1993a) denomina este processo de modificação enquanto desidentificação, conduzindo à libertação do desejo e da possibilidade de construção de um futuro. A telescopagem revela assim a

circularidade e repetição no tempo, dando a conhecer que algo de irreversível tenha ocorrido. Faimberg coloca então a questão de interpretar no passado ou no presente, tendo em conta que o que é denominado de passado, torna-se presente por este mesmo processo identificatório. H. Faimberg (1993a) demonstra como a ameaça do objeto ausente, não simbolizado ainda como objeto perdido, é presentemente um não-objeto, declarando também que é este mesmo que determina a negação do objeto, atualmente completa a afirmação do facto do ego encontrar no não-ego a negação que determina a sua identidade, que é consequentemente uma identidade negativa. Em suma na sua perspectiva o sujeito é o resultado de um modelo de expulsão, isto é na negação fundamental dos seus pais internos.

### **1.2.3. Objeto Transgeracional**

No que concerne à transgeracionalidade torna-se relevante referir a forma como os antepassados surgem no presente de cada sujeito. É neste sentido que surge o conceito de *objeto transgeracional* definido por Albert Eiguer (cit in Pinheiro, 2008). Na sua perspectiva o *objeto transgeracional* trata-se de um antepassado que aparece no discurso dos pacientes como uma revelação inesperada em sonhos, associações, recordações, que abrem vias para sectores do aparelho psíquico mantidos à margem por uma clivagem severa, devido a uma imposição colocada pela existência de um segredo, uma vergonha, que não permite existir uma referência a esse mesmo objeto (Eiguer, 1993 cit in Pinheiro, 2008). A representação do *objeto transgeracional* remete para um antepassado de uma geração anterior, onde se verificaram a preocupação relativamente a fantasmas ou mitos. Assim, o *objeto transgeracional* refere-se a traumatismos dolorosos e /ou moralmente reprováveis. Gera-se um vazio de representação ou uma proto representações de coisa incapaz de aceder ao status de palavra e de pensamento. Tendo em consideração que na sua perspectiva a família disfuncional deseja separar-se das suas origens, privando-se das suas próprias raízes. Fica um fantasma de autocriação. É a onipotência, negação da existência, negação do legado superegótico. Num funcionamento normal a filiação, propõe o núcleo de pertença, de linhagem, de um nome comum, de uma religião comum, de uma série de tradições, de opções profissionais. Linhagem que tem força de coesão. A negação da filiação implica um vivido potencialmente psicótico (Ciccione, 1999)

Na perspectiva de Albert Eiguer (cit in. Ciccone, 1999) a representação transgeracional trata de uma reconstrução fantasmática inconsciente, contrariamente ao mito familiar que se trata de algo consciente, de acontecimentos por vezes traumáticos. As representações transgeracionais fazem assim parte do mundo dos objetos inconscientes, partindo do primeiro organizador grupal considerado pelo autor, isto é escolha do parceiro sexual, que pressupõe o primeiro modelo de relação objetal. É na relação primária com a mãe ao verificar-se um desinvestimento devido ao investimento no fantasma, permanece um vazio relacional. A família transgeracional fantasiada pode deter um papel estruturante para a família real, como também constituir-se enquanto problemática das disfuncionalidades, conflitos de pertença, de lealdade, desejo de rutura com as origens alienantes.

A. Eiguer (cit. in Ciccone, 1999) descreve diferentes funções aos diferentes indivíduos de uma família que testemunham a relação entre o sujeito e o objeto transgeracional, sendo estes o carregador do fantasma, o bardo, o mensageiro e o mimo. O primeiro é aquele que transporta o fantasma do segredo ou foi no seu espaço psíquico, este objeto absorvendo os investimentos do mesmo. O segundo remete para quem conta as proezas do antepassado, a sua identidade constrói-se a partir de um outro, remetendo para a ideia de um objeto idealizado. O mensageiro transmite sem implicar uma identificação, e o mimo imita o antepassado de forma caracterial.

Albert Eiguer (1991 cit in. Ciccone, 1999) propõe a existência de três tipos de objetos, os *objetos indulgentes*, *objetos transgeracionais idealizados*, *objetos fantasmas*. Explicita também a identificação como a via privilegiada de transmissão. O primeiro tipo de objeto remete para uma fidelidade edipiana. Os *objetos transgeracionais* referem-se a objetos massivos, imponentes, magníficos, exigindo compensações e criando sentimentos de dívida. O sujeito sente-se parasitado e paralisado pelo ascendente, os sentimentos de identidade individual e da família encontram-se abalados, existindo uma dificuldade em fazer o luto desse parente idealizado. Não segredo, mas um desinvestimento e desligamento, um sentimento de culpabilidade, uma impressão de dívida, e uma identificação narcísica ao objeto. Desenvolve-se uma erotização do destino familiar de falha, como uma herança inevitável. O terceiro refere-se a *objetos fantasmas*, que se traduzem em sentimentos de vazio irrepresentável, remetendo para a possibilidade de um parente próximo, de uma outra geração, ter cometido um acto repreensível que foi guardado em segredo e em vergonha, por um dos membros da família. É então este fantasma que atormenta,

como se se tratasse de um corpo estranho, que se repercute nas capacidades de pensar e investigar do sujeito, pois vive no sujeito um afeto negativo e bloqueador (Eiguer, cit in Ciccone, 1999).

Como referido anteriormente a identificação surge enquanto um dos processos imprescindíveis na compreensão da transmissão transgeracional, pois não se limita aos objetos do sujeito, mas abrange também os objetos do objeto, onde se encontram os objetos transgeracionais, aludindo a uma identificação narcísica no que respeita às modalidades de identificação aos objetos transgeracionais.

Segundo Albert Eiguer (cit in Pinheiro, C., 2008) estes configuram-se nas psicopatologias de diferentes formas, seja através de delírios de identidade onde o sujeito se torna um outro, seja por delírio de filiação com negação da paternidade e maternidade, comportamentos de fuga ou de transgressões na adolescência. Eiguer (1998, cit in Almeida, 2008) afirma que as representações entre gerações organizam a escolha de objeto dos pares, assim como estruturam o ideal familiar.

## 2. Cem Anos de Solidão

*“Acabámos por ser um laboratório de ilusões  
falhadas. A nossa maior virtude é a criatividade  
e , no entanto, não fizemos mais do que viver  
doutrinas requentadas e guerras estranhas (...) ”*  
(Márquez, s.d., cit in Martin, G., 2008)

A obra *Cem Anos de Solidão*, primariamente publicada em 1967, é considerada como uma das obras-primas de Gabriel García Márquez, bem como um clássico do séc. XX. A história desenrola-se tendo como pano de fundo a “realistic dreamland” (Carella & Syhirlanzoni, 2010, p.251), desvendando a realidade da família Buendía ao longo de sete gerações, tendo como pano de fundo uma aldeia onde a linha imaginária entre a fantasia e a realidade se desvanece.

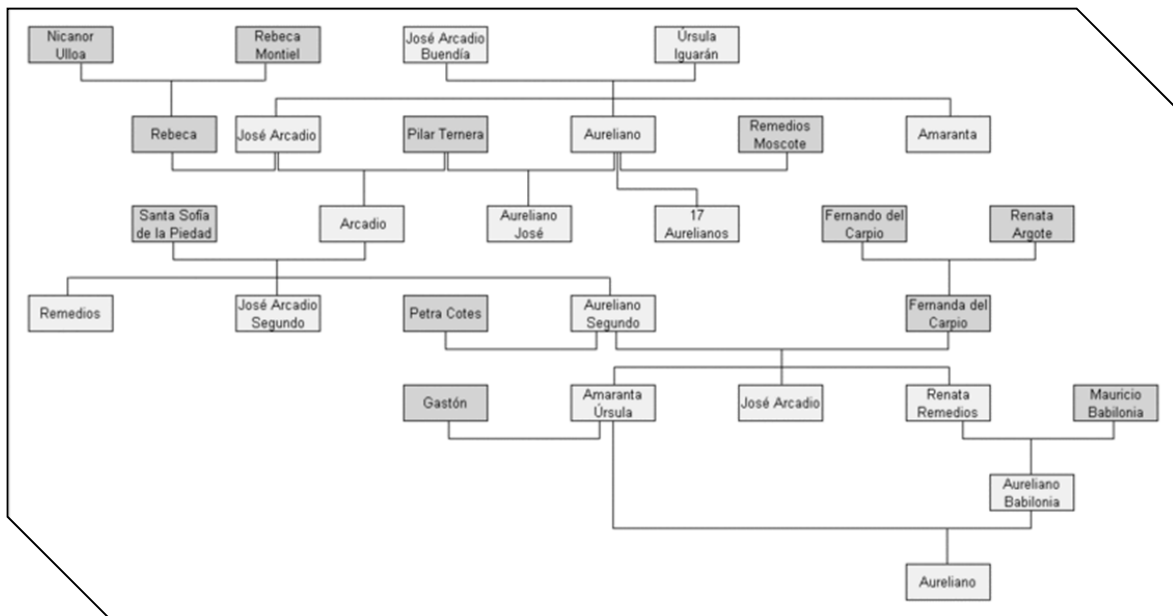
A obra *Cem Anos de Solidão* revela a história da família Buendía, através da descrição da multiplicidade de acontecimentos que preenchem as recordações de uma vida. É colorida por diferentes personagens, que dão a conhecer o destino da família, assim como de Macondo. É, também, através da história deste lugar que espelha as diferentes épocas da família, que se dá a conhecer o enredo preenchido por guerras, amores, paixões, mortes e nascimentos. É assim no seio de sete gerações que se refletem as ideias que levam à fundação de uma família, e, paralelamente ao seu dissipar.

Neste sentido, seguidamente, apresenta-se um breve resumo da obra *Cem Anos de Solidão*, assim como a árvore genealógica da família, de forma a poder existir uma maior compreensão relativamente às diferentes gerações. O presente resumo apresenta uma descrição sucinta, a forma como a família Buendía se constituiu em conformidade com os diferentes acontecimentos que baseiam a escolha das diferentes personagens.

### 2.1. Resumo

A história da família Buendía tem início em Riohacha onde José Arcadio Buendía era criador de galos de luta e Úrsula Íguaran continuava virgem mesmo depois do casamento. O casal parte da aldeia devido à morte de Prudêncio de Aguilar, visto este ter humilhado José Arcadio

Buendía, acusando-o de ser impotente. Apesar do assassinato constituir por si, uma forma de José Arcadio Buendía demonstrar a sua masculinidade, nessa mesma noite força Úrsula a retirar as suas calças de castidade. A consumação do casamento de ambos leva Úrsula a expressar o seu medo bem como a responsabilizar o marido pelo futuro de ambos. O destino do casal poderia ter sido diferente, pois *“Teriam sido felizes desde então se a mãe de Úrsula não a tivesse aterrorizado com todo o género de prognósticos sinistros sobre a sua descendência até ao extremo de conseguir que esta recusasse a consumir o casamento.”* (Márquez, G.G.,2009, p.24). Apesar da morte de Prudêncio ser considerada enquanto um luto de honra, o fantasma deste persiste em emergir todas as noites ao recente casal, fazendo com que ambos embarquem na viagem que dá início à travessia que origina Macondo.



**Fig.1.** Árvore Genealógica da Família Buendía

Macondo é assim, a vila fundada pela família Buendía, onde esta constrói as suas raízes, e espelha o crescimento da linhagem traçada por Úrsula e José Arcadio Buendía. Estes são os fundadores da vila bem como os catalisadores das sete gerações que lhes seguem. Ao longo da vida desta família, Úrsula demonstra o medo dos seus filhos nascerem com rabo de porco, pois este seria o resultado da consumação do seu casamento com o seu primo José Arcadio Buendía. Assim Úrsula ao temer o nascimento de filhos como rabo de porco, recorre a Pilar Ternera, para ler o futuro dos seus filhos. Tal como se refletiu no momento do nascimento dos protagonistas da

*segunda geração*, Amaranta, José Arcadio e Aureliano, pois nascem sob o olhar atento da sua mãe, pelo medo de o rabo de porco se materializar.

Macondo caracteriza-se como uma vila fechada sobre si, onde a comunicação com o mundo exterior apenas teve início através da visita anual dos ciganos. Com estas visitas surge Melquíades com quem José Arcadio Buendía desenvolve uma relação de amizade, baseada na procura de novos conhecimentos. José Arcadio Buendía influenciado pelas inovações, recentemente chegadas, constrói o seu próprio laboratório, manifestando a sua tendência para o isolamento, revela-se ao olhar dos outros, louco, devido ao seu lado mais imaginativo. Os novos empreendimentos, e, a necessidade de descobrir o mundo fazem com que este renegasse as funções familiares, e expressasse o desejo de abandonar Macondo. Ao contrário Úrsula, nesse momento manifesta a sua vontade de estabelecer raízes, ameaçando ser capaz de morrer para que todos ficassem em Macondo.

Permanecendo em Macondo, José Arcadio, o filho primogénito, apaixona-se por Pilar Ternera, enquanto Aureliano desfruta de momentos solitários no laboratório. Pilar Ternera será a mulher com quem ambos os irmãos desfrutaram da primeira noite de amor e intimidade, será, também esta a mulher quem trás à vida a *terceira geração* dos Buendía, Arcadio e Aureliano José. É no entanto no momento em que lhe é anunciado que será pai que José Arcadio se refugia no laboratório, perdendo a sua espontaneidade e vivacidade. A sua espontaneidade só volta a manifestar-se numa noite, enquanto deambulava pela vila e se apaixona por uma jovem, com quem decide partir de Macondo.

Quando Úrsula parte à procura do filho, em vez de o encontrar, consegue estabelecer linhas de comunicação com outras aldeias. Promovendo o comércio em Macondo e consequentemente faz prosperar o negócio de família. É nessa altura que José Arcadio Buendía volta a participar na reorganização da aldeia, espelhando de novo o seu espírito de líder, enquanto Aureliano emprega o seu tempo em investigações no laboratório do pai. O casal Buendía decidira então criar Arcadio, filho de José Arcadio, na condição que este nunca tomasse conhecimento da sua origem.

É no momento em que a família Buendía adota Rebeca, uma menina abandonada, que emerge a peste da insónia, esta ao evidenciar os sintomas que podiam levar ao esquecimento da identidade, das coisas, das memórias. A peste da insónia fez com que o sono se desvanecesse pela ausência da saudade de dormir. Num primeiro momento esta foi vivida pelos habitantes de

Macondo com sentimentos de felicidade e exaltação, pela azáfama criada na possibilidade de terminar todas as tarefas, mas num segundo momento o esforço requerido para manter a memória fez com que os cidadãos de Macondo ficassem submergidos na sua própria imaginação. É durante a peste da insónia que Melquíades regressa a Macondo, trazendo consigo o antídoto para a peste da insónia, proporcionando à vila de Macondo a recuperação das suas memórias. Melquíades desfruta do final da sua vida instalando-se na casa dos Buendía, onde constrói em conjunto com José Arcadio Buendía um laboratório de daguerreotopia, com o qual se podia ver o futuro em lâminas de metal. Certa noite pensou ter encontrado uma premonição; “*não haveria rasto dos Buendía*” (op. cit., p. 50).

O crescimento de Macondo permite a inauguração da nova casa da Buendía, bem como a chegada da família de Dom Apolinar Mascote. A inauguração da nova casa é festejada com um baile, em nome de Amaranta e Rebeca, onde é convidado, o belo, Pietro Crespi, por quem ambas se apaixonam. A chegada da família de Dom Apolinar Mascote, por sua vez leva Aureliano a anunciar uma das suas premonições - que se casaria com Remédios Mascote, de nove anos. Por diversas circunstâncias a família Buendía encontrava-se, agora, rodeada de histórias de amor; Amaranta revela o seu amor solitário através de um acesso de febre; Aureliano revela ao casal Buendía a sua decisão de se casar com Remédios Mascote e José Arcadio Buendía decidiu que Rebeca casaria com Pietro Crespi. A decisão tomada pelo pai de Amaranta revela-se aparentemente inócua, mas esta silenciosamente “*prometeu-se a si própria que Rebeca só casaria passando por cima do seu cadáver*” (op. cit., p.62).

Durante o período de harmonia na casa dos Buendía, proporcionada pela viagem de Úrsula com Amaranta, para que esta esquecesse Pietro Crespi, e Melquíades morre. A morte deste leva a que José Arcadio Buendía regressasse aos seus hábitos de alquimista, e sem os cuidados de Úrsula faz com que este recaísse sobre a sua própria imaginação, não voltando a comer nem a dormir, começa a chorar os mortos; “*até um estado de delírio perpétuo do qual nunca viria a recuperar*” (op. cit., p.67). Tenta então destruir o laboratório e a oficina de ourivesaria, tendo sido necessários vários homens para o impedirem, forçados a atá-lo a uma árvore. Aquando do seu regresso, Úrsula constrói um alpendre, onde o desprende mas este permanece imóvel e sem a reconhecer.

Úrsula mantém uma relação com o seu marido, dando-lhe a conhecer os diferentes percursos tomados pelos seus filhos. Descreve o seu desapontamento com o regresso de José

Arcadío e o conseqüente casamento deste com Rebeca, a sua tristeza com a morte da jovem Remédios, mulher de Aureliano e que leva a partida deste para a Guerra. Bem como com a sua decepção com a liderança levada a cabo por Arcadío, nomeado Chefe Civil e Militar de praça de Macondo. A sua decepção leva a que esta dê a conhecer a Arcadío, a sua verdadeira filiação, bem como a despromove-lo do seu cargo. Sendo a partir dessa noite, que Úrsula dirige a aldeia, sentindo-se sozinha procura companhia perto do marido, apesar de ser “*como falar com um morto, porque José Arcadío Buendía estava fora do alcance de qualquer preocupação*” (op. cit., p.90), pois “*tinha perdido todo o contacto com a realidade*” (op. cit., p.90). Nos momentos que desfrutava perto de José Arcadío Buendía, anuncia o possível noivado de Amaranta e Pietro Crespi. Amaranta, no entanto já decidira que não se casaria com ninguém, nem mesmo com o Coronel Gerineldo Márquez, que posteriormente a pede em casamento. A recusa de Amaranta a casar-se com Pietro Crespi, leva-o ao suicídio. Úrsula compelida pela culpa prepara o velório em casa dos Buendía, fazendo com que Amaranta se resguardasse no seu quarto, saindo apenas para ir à cozinha e queimar a mão, passando a ser “*A única marca exterior que a tragédia lhe deixou foi a atadura de gaze preta que enrolou na mão queimada e que haveria de usar até à morte*” (op. cit., p.93).

A quarta geração tem início depois de Arcadío ser mandado fuzilar, em consequência do abuso de poder exercido. E é nesse instante que o medo se desvanece, e, expressa o desejo que a sua filha se chame Úrsula como a avó, ou José Arcadío como o avô. Santa Sofia de la Piedad e os seus filhos Remédios, José Arcadío Segundo e Aureliano Segundo, são acolhidos por Úrsula que decide “*Indo contra a última vontade de Arcadío, baptizou a menina com o nome de Remédios. «Tenho a certeza que foi isso que Arcadío quis dizer», alegou. «Não lhe chamaremos Úrsula, porque se sofre muito com esse nome».*” (op. cit. p.109). Assim a quarta geração dos Buendía, permanece na casa da família.

É ainda durante a Guerra, que o Coronel Aureliano Buendía avisa Úrsula de mais um dos seus presságios; “*«Cuidem do papá o melhor que puderem porque vai morrer»*” (op. cit., p.115). Nesse mesmo dia colocam José Arcadío Buendía num quarto mas este por sua vez regressa ao castanheiro, pelo medo de perder as visitas de Úrsula e de Prudêncio Aguilar, que lhe trazem as novidades dos combates de Aureliano. A morte de José Arcadío é anunciada pelas “*Tantas flores caíram do céu que as ruas amanhecera tapadas por uma colcha compacta e tiveram de varrê-las com as pás e ancinhos para que o funeral pudesse passar.*” (op. cit., p.117).

Pouco tempo depois, José Arcadío é encontrado morto em sua casa, ficando para sempre a dúvida se Rebeca era responsável pela morte do único homem que a fizera feliz. O mistério sobreviveu mesmo depois de esta se enterrar viva na sua própria casa, e ser esquecida. Úrsula percebe que o filho morreu, quando o sangue aparece em casa da família, tendo percorrido toda a aldeia. Com o continuar da Guerra o Coronel Gerineldo Márquez é nomeado Chefe Civil e Militar de Macondo, despendendo do seu tempo a instruir Aureliano José e na companhia de Amaranta por quem se apaixona. É então quando confrontada com o desejo do Coronel Gerineldo Márquez que esta declara; “*Não vou casar com ninguém (...) mas contigo muito menos.*” (op. cit., p.115).

Aureliano José, filho do Coronel Aureliano Buendía, desenvolve uma relação de grande proximidade com a tia, Amaranta, constroem um laço invisível e inviolável. Partilham momentos de forte intimidade, dormindo juntos, tomando banho em conjunto, mesmo depois de este se ter tornado num homem. Amaranta tenta ignorar a crescente relação incestuosa com Aureliano José, até Úrsula a confrontar com o seu desejo, forçando-a a pôr um término ao desejo de ambos. É neste momento que Aureliano José encontra conforto na solidão, antes de decidir partir com o pai. Aquando do seu regresso trás consigo a intenção de se casar com Amaranta, dando lugar a novos encontros noturnos, novas lutas surdas. Amaranta confrontada com a força do seu desejo, expresso durante as lutas mudas, esta recusa-o para sempre, pois poderiam nascer filhos com rabo de porco. Aureliano José encontra a paz, ao partilhar a sua solidão com Pilar Ternera, a sua mãe, deixando assim de pertencer a Úrsula. Decerto que podia ter sido feliz, caso não fosse assassinado por ser um Buendía.

Quando a Guerra termina, dá-se o regresso do Coronel Aureliano Buendía, agora um estranho na casa dos Buendía. Apesar da felicidade de Úrsula por voltar a ter um homem em casa, Amaranta sentira que “*o perderam para sempre*” (Márquez, 2009, p.141). Úrsula acaba por perceber que só lhe restam duas possibilidades, a Guerra ou a morte. Depois da Guerra o Coronel Aureliano Buendía percebe que “*O único afecto que prevalecia contra o tempo e a guerra foi o que sentiu pelo seu irmão José Arcadío, quando ambos eram crianças, e não estava assente no amor mas sim na cumplicidade.*” (op. cit. pp.142-143). É depois de assinar o contrato oficial de tréguas com os conservadores que o Coronel Aureliano Buendía reabre a oficina, e dedicar-se à fabricação de peixinhos de ouro. Com a notícia do jubileu, surgem em Macondo os dezassete filhos do Coronel Aureliano Buendía. No momento da despedida dos dezassete Aurelianos, o pai

oferece um peixinho de ouro a cada um deles, enquanto Amaranta convence-os a serem comungados, e marcados com uma cruz de cinza na testa, sendo esta indissipável. Úrsula sente-se então reconfortada pois assim não poderiam ser mais confundidos.

É quando Úrsula rejuvenesce a casa, pondo um fim aos eternos lutos, que nasce o primeiro filho de Fernanda del Caprio com Aureliano Segundo. O nascimento de José Arcadío, o primeiro da *quinta geração*, leva Úrsula declarar o seu descontentamento pois os seus já pesados anos de vida tinham – lhe permitido concluir que “*os Aurelianos eram retraídos mas de mente lúcida, ao passo que os Josés Arcadío eram impulsivos e empreendedores, mas marcados por um signo trágico*” (op. cit., p.149). Sendo os únicos a quem a classificação permanecia impossível eram os gémeos Aureliano Segundo e José Arcadío Segundo, que até a adolescência foram considerados pela bisavó como “*doidos de nascença*” (Márquez, 2009, p.151), por serem coordenados em tudo o que faziam, já em adultos o único traço comum, era o ar de solidão.

Remédios, a bela, irmã de Aureliano Segundo e José Arcadío Segundo, era reconhecida por ser capaz de tirar a lucidez a qualquer homem, pois quando revelava a sua cara, anunciava o fim de qualquer homem, levando-os à morte. Apenas Remédios, a bela, permaneceu imparcial às mudanças que decorriam na vila de Macondo. A sua inocência permaneceu ao longo da sua vida, bem como a sua beleza, que continuava a ter um efeito enlouquecedor nos homens, transformou-se numa lenda, porque os homens acreditavam possuir um *fluxo mortal*. Sem qualquer pré-aviso Remédios, a bela, começa a elevar-se no céu, desaparecendo no céu, dizendo adeus a Úrsula.

Na segunda visita dos dezassete filhos do Coronel, Aureliano Centeno, decide ficar, e, auxiliar o seu irmão Aureliano, o Triste no negócio do gelo, que prospera de forma desmesurada. Suscitando a necessidade de expandir o negócio para outras terras. A chegada do caminho-de-ferro provocou a edificação da indústria bananeira que leva Macondo a sofrer uma transformação tão abrupta que “*os antigos habitantes de Macondo levantavam-se cedo para irem conhecer a sua própria aldeia*” (op. cit., p.185).

Durante os anos que se seguiram Úrsula dedica-se com muita dificuldade à educação de José Arcadío de forma a assegurar a sua formação papal. Renata Remédios- Meme, sua irmã, é educada por Amaranta e Fernanda, consequentemente dividida entre as amarguras de uma e a rigidez de outra. Depois da partida de Meme e de José Arcadío, que Amaranta começa a tecer sua própria mortalha e que Fernanda expulsa José Arcadío Segundo de casa, o que leva o seu marido Aureliano Segundo a regressar para perto da sua combina- Petra Cotes.

O Coronel Aureliano Buendía cada vez mais fechado, Márquez recusar-se em recomeçar uma nova guerra, passou a ser considerado como morto. É visto pela última vez no dia 11 de Outubro, quando foi ver o circo, e no final do dia acabar por sucumbir à morte. Depois da morte do Coronel Aureliano Buendía foi imposto por Fernanda, um luto de portas fechadas. Durante as férias de Meme, e do luto do Coronel Aureliano Buendía, Fernanda recupera os seus privilégios de esposa e tem mais uma filha, Amaranta Úrsula.

A morte de Amaranta faz tremer o tempo de calma vivenciado na *cansada mansão dos Buendía.*, pois decide anunciá-la aos habitantes de Macondo, recolhendo as mensagens dos vivos para os mortos, passando assim o dia anterior à sua morte atarefada com os preparativos do seu funeral. Quando se foi deitar, faz um último pedido a Úrsula, que esta testemunhe a sua virgindade, depois de morrer. Úrsula depois da morte da sua filha não se levantou nunca mais, era então cuidada por Santa Sofia de la Piedad, visitada por Aureliano Segundo e “*Despertou um grande afecto na pequena Amaranta Úrsula, que era idêntica a ela e a quem ensinou a ler.*” (op. cit., p.225). Apesar de cega, e, com um mundo montado no seu quarto, Úrsula, percebe os tormentos de Meme. A atormentação de Meme refletia a paixão por Maurício Babilónia, bem como as borboletas que os acompanhavam nos momentos em que se encontravam. Depois de Fernanda descobrir, fecha Meme no seu quarto, tentando que esta confesse mas “*Estava tão segura de si, tão aferrada à sua solidão, que Aureliano Segundo teve a impressão de que já não existia nenhum vínculo entre eles*”. (op. cit., p.231). Todas as noites a casa do Buendía enchia-se de borboletas amarelas, Fernanda desconfiada pede para que a casa fosse guardada, que surpreende Maurício Babilónia, e o deixa preso a uma cama, imóvel, para o resto da sua vida na solidão.

O dia em que o filho de Meme Buendía, Aureliano Babilónia, chega a Macondo, é o dia em que Macondo começa a dar indícios do seu desmoronar. Fernanda, convencida por Santa Sofia de la Piedad, permite que o seu neto fique em casa dos Buendía na condição de que este fique fechado no quarto do Coronel Aureliano Buendía. Fernanda levava Meme para o convento mesmo contra a vontade de Aureliano Segundo. Aquando do seu regresso, despreocupada com o mundo Fernanda dedica-se às conversas com os médicos imaginários colocando a cargo da educação de Amaranta Úrsula, Santa Sofia de la Piedad.

Depois do regresso de Fernanda da viagem, esta fora informada da greve dos trabalhadores da companhia bananeira, incitados por José Arcadio Segundo. Com o desenrolar da

revolução provocada pela indústria Bananeira, a procura de responsáveis e a necessidade de mudança fez com que “*Rebentasse a greve geral*” (op. cit., p.240). Vislumbra-se um acordo de paz entre os trabalhadores e os empregadores, quando é pedido à população que se reúna perto da estação, onde chegaria o chefe civil que acalmaria os conflitos existentes. José Arcadio Segundo, um dos sindicalistas presentes, assiste “*ao Chefe civil e militar da província. (...) dando ordem ao exército para os matar à bala*” (op. cit., p.241-242). Conseguindo sobreviver regressa em segredo para a casa de família onde a sua mãe, Santa Sofia de la Piedad, lhe preparou o quarto de Melquíades. Nessa altura já tinha sido estabelecido um acordo entre os sindicatos e a companhia Bananeira, dando assim início à época das chuvas que levaram à suspensão da produção da companhia Bananeira. Esquecido no antigo quarto de Melquíades, José Arcadio Segundo, passava o seu tempo a tentar decifrar os manuscritos. Quando saiu do quarto, “*Limitou-se a erguer os olhos ao abrir-se a porta, mas para o seu irmão aquele olhar foi suficiente para ver repetido nele o destino irreparável do bisavô.*” (op. cit., p.248-249).

Apesar de dividirem o tempo entre a rigidez de Fernanda e o carinho de Santa Sofia de la Piedad, as crianças eram felizes, passando o tempo a brincar com Úrsula como se tratasse de uma boneca, esta “*era feliz no meio da parentela irreal*” (op. cit., p.260). Quando ambos estavam em casa, encontravam Úrsula entretida nos seus diálogos com as pessoas do passado, “*Parecia uma recém-nascida*” (op. cit., p.270). Quando, esta, percebe do que é a morte “*Iniciou uma oração interminável (...) que tivessem o cuidado de nenhum Buendía se casar com alguém do mesmo sangue, porque os filhos nasciam com rabo de porco*” (op. cit., p.271). Enquanto Amaranta Úrsula fora para a escola Aureliano Babilónia crescera em casa, com os livros guardados no quarto de Meme, sua mãe. Enquanto Macondo se desmoronava, e se deixava levar pela inércia do tempo, Amaranta Úrsula parecia “*demonstrar ter boa cabeça e ser dedicada aos estudos*” (op. cit., p.275)., enquanto Aureliano Babilónia “*Parecia preferir a clausura da solidão e não revelava a menor inclinação para conhecer o mundo que começava na porta da rua*” (loc. cit.), fazendo com que José Arcadio Buendía se dedicasse a ensiná-lo a ler e a escrever, “*Inici [ando]-o no estudo dos pergaminhos*” (op. cit., p.276). Assim os pergaminhos ganham uma nova vida sobre o olhar da *sexta geração*, Aureliano Babilónia.

Quando Macondo acorda das chuvas “*A região encantada que José Arcadio Buendía explorou nos tempos a fundação, e onde depois prosperaram as plantações de bananeiras, era um emaranhado de lodo e cepas putrefactas*” (op. cit., p.262). Estoicamente Úrsula tenta reavivar

a casa dos Buendía, mas a sua força já não é comparável há de Fernanda que mantém a casa fechada. Úrsula morre com uma idade incerta, entre os cento e quinze anos e os cento e vinte e dois, na manhã de Quinta-feira Santa.

Até morrer Aureliano Segundo dedicou-se, com o mesmo afínco com que anteriormente se dedicava às suas borgas, a vender rifas para poder mandar Amaranta Úrsula estudar para Bruxelas, mesmo contra a vontade de Fernanda. Aureliano Segundo recordaria a sua filha como “[Tendo] o corpo miúdo, o cabelo solto e comprido, os olhos vivos que Úrsula tivera na sua idade, e a forma como se despedia, sem chorar mas sem sorrir, revelava a mesma fortaleza de caracter” (op. cit., p.279). Dia 9 de Agosto, José Arcadio Segundo e Aureliano Segundo cedem à morte ao mesmo tempo. Na hora da sua sepultura “os bêbedos tristes que os tiraram de casa confundiram os caixões e enterraram-nos em sepulturas trocadas.” (op. cit., p.280).

Mesmo depois da morte de Aureliano Segundo, nunca faltou comida em casa dos Buendía, pois Petra Cotes enviava uma cesta de comida todas as semanas. Santa Sofia de la Piedade depois da morte de Úrsula, decide assim partir da casa da família Buendía, então Aureliano quem cuida da casa e das refeições de Fernanda. “Mesmo nessas circunstâncias Aureliano e Fernanda não partilharam a solidão e continuaram a viver cada um na sua casa” (op. cit., p.285). Os tempos que passou na solidão, fez com que Fernanda começasse a imaginar que vivia na companhia de duendes que existiam, para a atormentar, mas contrariamente ao que escrevia nas cartas para, Amaranta Úrsula e José Arcadio.

Quando José Arcadio regressa encontra a sua mãe morta e junto dela, uma carta. Contando a verdade da sua vida, assim como a verdadeira filiação de Aureliano, a quem o tio posteriormente trata como bastardo, obrigando-o a ficar no quarto de Melquíades.

José Arcadio usufrui da casa, atormentado pelos fantasmas da sua infância. Imaginando as carícias de Amaranta, que o impediram de concluir os estudos de padre, bem como perseguido por Úrsula através dos medos incutidos por esta, das “mulheres de rua, que estragavam o sangue; as mulheres da casa, que pariam filhos com rabos de porco; os galos de luta, que provocavam a morte de homens e remorsos de consciência, para resto da vida (...).” (op. cit., p.291). Com o passar do tempo, José Arcadio desenvolve uma relação de cumplicidade com o sobrinho, de quem passa a admirar a sabedoria. “Aquela aproximação entre os dois solitários do mesmo sangue estava muito longe da amizade, mas permitiu que ambos suportassem melhor a

*insondável solidão.*” (op. cit., p.295). Sendo que certa manhã Aureliano encontra José Arcadio morto, e nesse momento percebe “*o quanto tinha começado a gostar dele*” (op. cit., p.296).

Amaranta Úrsula regressa a Macondo com a mesma tenacidade da sua tetravó, trazendo o seu marido Gastón, a sua forma de ser “*activa, miúda, indomável, como Úrsula, e quase tão bonita e provocante como Remédios, a bela*” (op. cit., p.297), fez com que “*três meses depois da sua chegada respirava-se outra vez o ar de juventude e festa que houve nos tempos da pianola*” (op. cit., p.297-298).

A chegada de Amaranta Úrsula fez nascer em Aureliano os mesmos sentimentos que anteriormente afligiram o seu tetravô quando conheceu Pilar Ternera. Pois quando Amaranta Úrsula o abraça de forma fraterna, este, ainda virgem sente o mesmo desejo assombrador sentido pelos seus antepassados, recaindo ainda mais afincadamente sobre os livros, de forma a esquecer os seus tormentos. Rejeitado consola-se na ternura de Pilar Ternera, depois de revelar a sua identidade, esta a quem “*Não havia nenhum mistério no coração de um Buendía que fosse impenetrável para ela, porque um século de experiências tinha-lhe ensinado que a história da família era uma engrenagem de repetições irreparáveis (...)*” (op. cit., p.312). Consola-o afirmando que Amaranta Úrsula apenas se encontra à espera dele. Incentivado pela sua tetravó persegue Amaranta Úrsula, envolve-a nos seus braços, contra a sua vontade. E na cama ambos desenvolvem “*uma luta feroz, uma batalha de morte, que no entanto parecia desprovida de toda a violência, porque era feita de agressões distorcidas e evasivas espectrais, lentas, cautelosas e solenes (...)*” (loc. cit.).

A sua partida permitiu a Amaranta Úrsula e a Aureliano a perderem-se no amor, “*Naquele Macondo esquecido (...) eram os únicos seres felizes, e os mais felizes sobre a terra*” (op. cit., p.318). Aquando do anunciar da chegada de Gastón, o casal “*compreende que estavam tão identificados que preferiam a morte à separação*” (op. cit., p.320), informando-o assim da sua decisão Amaranta Úrsula põe um fim ao seu casamento. Aquando do findar dos fundos deixados por Gastón, e restando apenas a memória do passado, o casal começa a questionar a possibilidade de existir algum grau de parentesco entre ambos. Ansioso, Aureliano procura afincadamente nos seus manuscritos alguma explicação da sua filiação, mas nada consegue encontrar. Apesar da dúvida “*à medida que a gravidez avançava, iam-se tornando num ser único, integravam-se cada vez mais na solidão da casa à qual só faltava um sopro para ruir*” (op. cit., p.322).

Aquando do nascimento do bebé, Aureliano impõe, contra a vontade da mãe, que o bebé se chame de Aureliano. Depois do bebé ser limpo, é - lhe descoberto um rabo de porco. Mas ao contrário de Úrsula estes não se alarmaram pois desconheciam o destino trágico que os esperava, como também o facto de serem tia e sobrinho. Depois do nascimento do filho, Amaranta Úrsula desvanecesse em sangue, acabando por morrer. Depois da morte da amada Aureliano coloca o bebé na alcofa feita pela mãe, e volta dirigir-se à antiga livraria onde “*Chorou (...) consciente de estar a pagar os prantos atrasados de uma morte que não quis chorar a tempo de quebrar os feitiços do amor*” (op. cit., p.325). De regresso a casa, não conseguindo encontrar o menino e na esperança de que a mãe deste tenha voltado dos mortos, vislumbra o antigo castanheiro, lembrando-se do que lera nos manuscritos de Melquíades; “***O primeiro da estirpe está amarrado a uma árvore e o último esta a ser comido pelas formigas***” (op. cit., p.326). Aureliano Babilónia recaí mais uma vez na curiosidade, e regressa aos manuscritos de Melquíades, agora legíveis como se fossem escritos em castelhano, folheia-o e compreende que “*não sairia nunca desse quarto, pois estava previsto que a cidade dos espelhos (ou das miragens) seria arrasada pelo vento e desterrada a memória dos homens, no momento em que Aureliano Babilónia acabasse de decifrar os pergaminhos, e que tudo o que neles estava escrito era irrepetível desde sempre e para sempre, porque as estripes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a Terra.*” (op. cit., p.327-328).

### 3. Análise

*Ce qui m'intéressait plus particulièrement  
dans mon roman, c'était de raconter l'histoire  
d'une famille obsédée par l'inceste*  
(Márquez, s.d., cit. in Rojas- Urrego,2003)

A obra *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Márquez, dá a conhecer a história da família Buendía, e o percurso desta ao longo de sete gerações, descreve as suas particularidades e a forma como esta se relaciona com o mundo. No entanto, é também, através da descrição da história desta família que é anunciado desde o início o prenúncio do final trágico que a persegue, e consequentemente lhe confere um carácter mítico (Rojas-Urrego, 2003). Pois poderiam “[Ter] sido felizes desde então se a mãe de Úrsula não a tivesse aterrorizado com todo o género de prognósticos sinistros sobre a sua descendência até ao extremo de conseguir que recusasse consumir o casamento” (Márquez, 2009, p.24).

Tendo em consideração o carácter mítico anunciado anteriormente e na compreensão que “L’ héritage archaïque de l’homme n’englobe pas seulement des dispositions mais aussi des contenus, des traces mnésiques relatives au vécu de générations antérieurs” (Freud, 1912, cit in Kães, 1993, p.53), propõe-se a compreensão dos conteúdos e dos vestígios geracionais que mantém os elementos desta família presos a um destino comum e concomitantemente alienados de si próprios. Considerando que a transgeracionalidade é considerada enquanto um fenómeno universal constante na vida de cada indivíduo, e que se revela através de conteúdos que se manifestam a nível geracional, a família Buendía apresenta-se assim enquanto objeto de estudo. Pretende-se elaborar um pensamento compreensivo no que respeita à forma como esta família transfere a sua forma de entender e apreender o mundo externo, assim como potencia as bases organizadoras do mundo interno de cada indivíduo. É na rede sobre a qual a família Buendía se desenvolve ao longo da sua história, que emergem um conjunto de *mitos*, *fantasmas*, e *segredos*, por vezes escondidos na sua forma de agir e nas suas palavras. Neste sentido procura-se elaborar um entendimento através da transgeracionalidade, remetendo para a compreensão da transmissão psíquica, assim como fomentar uma reflexão realtivamente aos elementos organizadores das relações geracionais, como os *mitos*, os *fantasmas* e os *segredos*.

Assim, as hipóteses elaboradas para a análise da obra, remetem para o facto do *homicídio* – A Fundação, o *interdito do incesto* - Rabo de Porco, o *segredo* – Melquíades e os Manuscritos poderem constituir-se enquanto elementos organizadores da família Buendía bem como predizerem o destino da família Buendía.

### 3.1 A Fundação

A fundação de uma família estabelece-se na força que leva um casal a unir-se, e na forma como este decide construir a sua própria família, é esta rede que origina e potencia a continuidade geracional. O sujeito é o resultado do desejo, das interações guiadas por este, pelos interditos e pelos diferentes conjuntos de representações. A fundação revela-se enquanto uma das hipóteses de análise, devido ao facto dos conteúdos simbólicos originários de uma família se encontrarem intimamente relacionados com a formação do inconsciente, podendo estes promover uma reprodução de conteúdos a nível geracional. Tendo por base que um dos fatores da transgeracionalidade resulta na elaboração intersubjectiva em função das heranças familiares e da forma como estas se enquadram como organizadoras e potenciadoras da formação do inconsciente (Käes, 1993a), tentar-se-á compreender o conteúdo transmitido a nível geracional a partir do momento que potenciou a fundação de Macondo e a continuidade geracional.

A fundação da vila de Macondo encontra-se intimamente relacionada com a origem da família Buendía, onde se evidenciam dois acontecimentos: o primeiro advém da morte de Prudêncio de Aguillar como forma encontrada por José Arcadio Buendía de afirmar a sua masculinidade, anteriormente negada pela sua mulher; e o segundo refere-se à recusa de Úrsula em consumir o casamento. Esta recusa resulta da advertência da possibilidade de nascerem filhos com *rabo de porco* que conseqüentemente se encontrariam destinados a morrerem, ou a ficarem na solidão. A forma como estes acontecimentos se encontram intimamente relacionados permitem realçar a força do vínculo mantido pelo casal, pois a morte de Prudêncio não teria acontecido sem a recusa de Úrsula, bem como a sucessão familiar seria posta em causa sem o homicídio de Prudêncio de Aguillar. A análise destes dois acontecimentos torna-se pertinente ao considerar que os conteúdos geracionais resultam de um processo elaborativo exigido pela evidência da oposição tanto dos conteúdos dos objetos simbólicos assim como das aquisições culturais (Freud, 1912 cit in Käes, 1993a). É o processo elaborativo exercido pelo casal em

função dos conflitos decorrentes dos acontecimentos que determina o impacto destes ao nível da estruturação familiar.

Neste sentido importa compreender as consequências do assassinato de Prudêncio de Aguillar na organização familiar. Um fator importante na compreensão das consequências resultantes da morte de Prudêncio de Aguillar prende-se com a conotação desta na sociedade onde ambos cresceram, enquanto uma *morte de honra*, mas é entanto vivenciada pelo jovem casal com um pesar muito forte, conduzindo Prudêncio de Aguillar a materializar-se em forma de fantasma. A corporificação deste fantasma faz com que o casal, José Arcadio Buendía e Úrsula, fujam e procurem um local onde não pudessem ser encontrados, saindo de Riohacha e que consequentemente fundem Macondo. A fundação de Macondo pode então ser compreendida como um espelho da fuga do casal e concomitantemente transparecer a necessidade deste em criar um espaço seguro. Com base numa perspectiva teórica esta fuga pode ser percebida enquanto preditor de um funcionamento familiar disfuncional, onde a privação das suas raízes e a urgência em construir um espaço longe do acontecimento do crime demonstra instabilidade na sua origem (Pinheiro, 2008; Almeida, 2010). Esta fuga pode revelar a dificuldade em elaborar o conflito decorrente da oposição dos objetos simbólicos como das aquisições culturais, verificando-se uma dificuldade em organizar os elementos presentes na realidade externa e na realidade interna.

Evidenciam-se ao longo da história, principalmente na história do líder de Macondo vestígios da sua experiência demonstrando-se na forma como este regula as suas relações. Este facto comprova a existência de uma determinada função para a forma como José Arcadio Buendía percorre o seu destino. José Arcadio Buendía demonstra com o decorrer do tempo uma grande dificuldade em contrabalançar o seu mundo imaginário com a sua força de carácter inicial, para elaborar a realidade onde se encontra presente a sua família. Esta dificuldade demonstra-se pela sua preocupação com novas descobertas, e na relação que desenvolve com Melquíades, baseada na procura de novos conhecimentos e inovações despendendo o seu tempo na procura incessante de novas ideias. Esta procura fugaz manifestava-se na forma como negligenciava a família, reaparecendo apenas nos momentos em que Úrsula se ausentava. Verifica-se uma determinada ambivalência na sua forma de agir, refletindo-se no seu desejo de conhecimento mas paralelamente o escudo que parece ter construído nos momentos em que se refugiava no seu laboratório, barrando a construção de uma relação com os seus filhos. Denota-

se uma certa volatilidade dos seus sentimentos em função da sua necessidade em proteger-se mas também no desejo que expressa em sair de Macondo. Esta volatilidade parece também encontrar-se relacionada com a dificuldade em elaborar a experiência anteriormente vivida pelo progenitor, da culpa resultante do homicídio, e da transgressão do interdito do incesto. Pode referir-se a emergência de uma forte ansiedade castradora em estabelecer um espaço cuidador a um outro, à semelhança talvez da impotência sentida por não ter sido capaz de estruturar um mundo externo seguro para si, bem como a de experimentar a construção minuciosa e elaborativa da experiência (Rojas- Urrego, 2003). É então este enunciado que completa a forma como José Arcadio Buendía se relaciona com as gerações futuras, onde o espaço para o estabelecimento de uma relação diferenciada com as gerações posteriores se encontra impossibilitada pois a ideia de uma presença masculina recai na essência de um refúgio e da impotência. O patriarca apesar de deter um papel fundamental na fundação da família, revela uma maior facilidade no trato de objetos, na forma como permanece sempre na procura da resolução através da ação, de um falso problema, pois o problema central aquele que determina todos os outros, fica sempre em sofrimento, como quando tenta construir uma máquina para fazer reviver os mortos, pela dificuldade sentida pela perda causada pela morte do amigo, Melquíades. A sua forma preocupada de agir reflete-se nas gerações seguintes, seja com a partida de José Arcadio (i.e. *segunda geração*) quando toma conhecimento que seria pai, como na partida para a Guerra por parte do Coronel Aureliano Buendía (i.e. *segunda geração*), assim como quando José Arcadio Segundo (i.e. *quarta geração*) parte para construir o caminho-de-ferro em semelhança de quando o patriarca, partiu de Macondo para descobrir o meio que o envolvia. O homicídio de Prudêncio Aguillar parece repercutir-se na forma de agir das gerações posteriores: a lança utilizada para o matar é no futuro comparada às armas utilizadas pelo Coronel Aureliano Buendía (i.e. *segunda geração*) durante as guerras, e na escolha da profissão de José Arcadio Segundo (i.e. *quarta geração*) com as lutas de galos a profissão do fundador. Estas comparações são elaboradas ao longo das diferentes gerações, e apresentam-se de diferentes formas. A dificuldade na elaboração do conflito anteriormente descrito assim como as similaridades geracionais parecem fazer notar-se a existência de um fantasma de transmissão, onde se verifica uma versão da relação entre o sujeito herdeiro, o sujeito que transmite e o objeto transmitido que reporta para a existência de objetos alienantes pouco transformados (Ciccone, 1999). O aparelho psíquico da família aparece assim bloqueado, parece impossível um movimento de saída para um mundo de diferenciação,

neste momento lembrarmos-nos da dimensão do negativo presente na transmissão psíquica, que segundo Kães (1993b) reporta para uma dimensão impossibilitadora de um processo elaborativo do pensamento, incapacitando a representação. Esta dimensão caracteriza-se pelo seu carácter agressivo demonstrando-se ao ataque que faz à ligação relacional, e como uma forma de impedir a sua transmissão, podemos agora também associar à forma como José Arcadio se entregou às suas tarefas, como se o fantasma de transmissão tivesse à semelhança da concepção de fantasma elaborada por N. Abraham e M. Torok.

No entanto talvez seja a urgência em sair de Macondo retratada em todas as gerações, que melhor exemplifica a instabilidade, a expressão do desejo de sair, e simultaneamente o revelar da impossibilidade de um destino diferente, pois mesmo tomando caminhos e decisões diferentes todos morrem na casa da família e ali permanecem. Esta indiferenciação a nível geracional anuncia existência de um processo identificatório à semelhança do que é descrito por Faimberg aquando da evidência de uma certa confusão nas diferenças geracionais, onde pode então verificar-se a existência de identificações intemporais que segundo a autora remetem para a dificuldade em expressar o desejo e remetem para a dificuldade em construir um futuro.

O casal guarda dois fantasmas, que se materializam ao longo da obra: o de José Arcadio Buendía corporifica o fantasma de Pudêncio de Aguillar, que o acompanha até mesmo depois da sua morte; o de Úrsula encontra-se personificado através o fantasma do *rabo de porco*. Ambos constituem-se enquanto fantasmas de carácter originário, patentes na literatura, o do incesto, bem como o do parricídio, enquanto fundamentais no que concerne à formação do aparelho psíquico. Ao longo da narração o proibido parece ter um papel fundamental da história da família Buendía, seja nas relações extraconjugais, seja na inveja sentida, seja nas relações incestuosas, estas podem comprovar uma linha comum que promove salientar as similaridades entre todas as diferentes gerações.

### **3.2. Rabo de Porco**

O segundo elemento a ser considerado enquanto estruturante da família Buendía, remete para a consumação do *interdito do incesto*, pois o casal Buendía refletia o facto de que “ (...) na verdade estavam ligados até à morte por um vínculo mais sólido que o amor, um comum remorso de consciência, eram primos entre si.” (Márquez, 2009, p.23). É então a partir deste

momento que este grupo particular – família Buendía – se repete encontrando-se desde o início marcado para a eternidade, pelo laço invisível da culpa. Este enunciado torna evidente a ideia elaborada por Sigmund Freud em *Totem e Tabu* (1912/1913 cit in Kães, 1993), onde culpa parece ter um papel fundamental na organização dos conteúdos culturais, em detrimento do *interdito do incesto*, bem como na emergência de sentimentos ambivalentes resultantes da sua transgressão.

A relação incestuosa de José Arcadio Buendía e Úrsula apresenta um conjunto variado de consequências, onde podemos destacar o lugar perigoso onde o desejo ficou ancorado, pois anuncia a morte ou a solidão dos elementos da família. O fantasma do *rabo de porco* parece poder ser considerado à semelhança da perspectiva analítica associada ao conceito de *Tabu*, enquanto uma proibição arcaica que teria sido imposta no passado por uma geração anterior. A questão pertinente neste ponto assenta na forma como é transmitido este fantasma às diferentes gerações. Considerando o fantasma do *rabo de porco* como motor da transmissão este é concomitantemente um dos reguladores das relações familiares.

Ao longo da vida de Úrsula, a matriarca da família, o fantasma do *rabo de porco* representa o interdito do incesto, sendo que este detém um papel fundamental na forma como esta decide criar e educar a sua família. Pois é em função da forma como Úrsula elabora este conflito e em função das elaborações da criança, que esta desenvolverá o seu mundo interno. Este é naturalmente enriquecido pela existência de uma dimensão histórica constituída a partir de gerações sucessivas e das suas respetivas representações (Kães, 1993b; Faimberg, 1993b).

O fantasma, do *rabo de porco*, engloba diferentes funções, sendo uma das suas particularidades constituir-se enquanto organizador da forma como Úrsula, a matriarca, se envolve no crescimento dos seus descendentes. Neste sentido importa referir o impacto da relação mãe-bebé no desenvolvimento psíquico, na formação do aparelho psíquico, na elaboração da fantasia de cada bebé. Um dos fatores presentes na análise da transgeracionalidade remete invariavelmente para a compreensão da relação primária, devido à possibilidade de uma imposição da fantasia materna à criança. É, também, através desta relação que se pode expor a emergência de uma função de intrusão, que corresponde ao momento em que os pais projetam os seus elementos brutos, e o momento no qual os pais conferem identidade negativa à criança (1993b). É na relação que a mãe estabelece com o seu filho que pode ser compreendido se este foi desejado, se foi planeado, bem como o papel que detém no funcionamento do casal. Assim é

no desenvolvimento deste enredo que pressupõe investimentos recíprocos dos membros do grupo, que suporta o discurso familiar, forne as bases ao aparelho psíquico em desenvolvimento os seus alicerces, sendo esta a verdade inicial que sustenta o ingresso do sujeito na história (Käes 1993b, Faimberg, 1993a). É então neste momento crucial do desenvolvimento da segunda geração que se dá início à inscrição do mito familiar do *rabo de porco*. É quando Úrsula dá vida aos seus filhos que esta demonstra a sua preocupação, no medo da concretização da sua fantasia, procurando a manifestação do *rabo de porco* em todos os seus filhos. Ao constatar que a sua fantasia não se materializa associa determinadas características físicas dos seus filhos ao fantasma do *rabo de porco*. O que leva Úrsula deduzir que a desproporção corporal de José Arcadio, o facto de Aureliano ter nascido de olhos aberto e a tonalidade da pele de Amaranta, como sinais do fantasma do *rabo de porco*. Este primeiro momento introduz desde logo a segunda geração a enunciado da fantasia materna.

Úrsula apesar de ter um papel ausente durante o crescimento dos seus filhos, fez-se sentir nas tardes em que os irmãos José Arcadio e Aureliano procuraram Pilar Ternera. É no momento em que ambos vivem a sua primeira ocasião de intimidade, que se vislumbra a repetição relativamente à transgressão do interdito, pois é quando expressam o desejo, que a fantasia de Úrsula os envolve, perturbando este momento crucial do seu desenvolvimento. Denotando-se assim uma tendência para a repetição do interdito, e mais uma vez fortaleceu a ideia de que a mudança se torna impossível.

Úrsula mantém uma relação peculiar com a sua família, onde esta tem como função providenciar o sustento da casa, como decidir a conduta familiar, tendo um papel secundário na sua educação. A preocupação de Úrsula em relação à sua família correspondia à sua necessidade em garantir que houvesse espaço para todos, e que ninguém sentisse a necessidade de sair da casa da família, possibilitando uma habitação conjunta, bem como um controlo sobre as decisões tomadas pelos descendentes. É Úrsula quem incute as regras e os valores da família Buendía, sendo o incumprimento destes que fazem manifestar a sua decepção com os filhos. A matriarca expressa a sua decepção ou expulsando-o da família ou ameaçando-os de morte, como sendo um reflexo do que “*teria feito se tivesses nascido com rabo de porco*” (Marquéz, 2009, p.139), pois considerava-as como um sinal do fantasma do *rabo de porco*:

José Arcadio, o filho primogénito, exemplifica a relação de Úrsula com o desejo, levando a que esta o negue quando este decide anunciar o seu casamento com a sua irmã por afinidade,

Rebeca. A fatalidade da família Buendía vislumbra-se também na vida deste, pois José Arcadio morre subitamente e o seu sangue regressa à casa de família, impossibilitando-o de poder experienciar uma vida feliz. O Coronel Aureliano Buendía ilustra o quão a família Buendía se encontrava fechada a nível relacional pois mesmo quando Úrsula manifesta a sua decepção com o seu filho ameaçando matá-lo, quando este ainda absorto pelo poder da guerra manda fuzilar um dos seus amigos de infância, permanece sem reação e sem medo da morte. A solidão passou então acompanhá-lo para o resto da vida. Arcadio (*i.e. terceira geração*), o neto de Úrsula é expulso da família, por ter utilizado o seu poder em benefício próprio, humilhando-o em público.

Estes constituem-se enquanto alguns dos exemplos passíveis de serem observados ao longo da narrativa, que explanam a qualidade dos investimentos narcísicos durante o percurso da história, sendo este um dos elementos que influencia o desenvolvimento psíquico, pois anuncia os interditos aos quais os diferentes elementos se encontram sujeitos. A questão imposta neste momento é de como é que é efetua essa transmissão, penso de certa forma já a ter respondido. Pois apesar de ser através da linguagem e da palavra das gerações precedentes que o sujeito adquire as predisposições seguintes, parece ser através das atitudes da matriarca onde esta decreta sobrevivência da culpa às gerações precedentes.

Com a passagem do tempo o fantasma do *rabo de porco* parece desvanecer das memórias dos descendentes de Úrsula, em conformidade com a sua perda de controlo na organização familiar, remetendo para a possibilidade de que este seja esquecido. No entanto como não se verificou a elaboração no entanto impacto deste fantasma revela-se de tal forma intrincado na formação desta família que a trama deixada pelo desejo de transgressão se faz vislumbrar: na morte do sobrinho de Amaranta, Aureliano José (*i.e. terceira geração*) devido à paixão que tinha pela tia, e pelos tormentos provocados pelas fantasias que perseguem José Arcadio (*i.e. quinta geração*) quando regressa a Macondo e tenta viver uma vida de luxúria. Vive na casa dos seus antepassados, imaginando as carícias de Amaranta, que o impediram de concluir os estudos de padre, bem como perseguido por Úrsula através dos medos incutidos por esta, das “*mulheres de rua, que estragavam o sangue; as mulheres da casa, que pariam filhos com rabos de porco; os galos de luta, que provocavam a morte de homens e remorsos de consciência, para resto da vida (...).*” (Marquéz, 2009, p.291).

É então Amaranta, filha de Úrsula, quem mantém o fantasma vivo na forma como se relaciona como os seus sobrinhos, sendo esta encarregue da sua educação. Enquanto Aureliano

José crescia este manteve uma relação muito próxima com a sua tia, onde a linha geracional por vezes se desvanecia. O desejo de ambos leva a que se procurem durante a noite, no entanto Amaranta perseguida pelas ideias maternas do *rabo de porco*, impõe um término à relação de ambos. Amaranta, ao longo da sua vida, mantém uma relação muito particular com o desejo e a culpa. Talvez pelo medo da transgressão inviabiliza o desenvolvimento de outras relações com outros homens, recusando casar-se duas vezes, levando ao suicídio de Pietro Crespi, que a leva a queimar-se na mão, para que a culpa pudesse ser vista por quem a rodeasse, bem como a sua virgindade. A força requerida por Amaranta para não experienciar o desejo, coloriu as relações mantidas com a sua irmã e com a sua sobrinha, de inveja desejando-lhes a morte nos momentos em que a felicidade envolvia as suas vidas.

Outro dos fatores que acentua a importância do fantasma do *rabo de porco* manifesta-se na forma como Úrsula entende as extravagâncias dos filhos, por identifica-las enquanto uma forma subliminar do próprio *rabo de porco*. Pois “ «os filhos herdaram as loucuras dos pais» ” (Marquéz, 2009, p.39). Revelando-se, também no momento em que Úrsula com o seu tetraneto José Arcadio Segundo e “compreendeu que ele se encontra[va] num mundo de trevas mais impenetrável do que o seu, tão intransponível e solitário como o do bisavô.” (op. cit, p.266).

É em função da ideia em que o transgeracional inscreve o sujeito na cadeia simbólica da qual ele é um elo e à qual ao mesmo tempo ele se submete, que podemos evidenciar que história parece repetir-se, “como se o tempo andasse às voltas e tivéssemos voltado outra vez ao princípio” (Marquéz, 2009, p.159). Esta ideia enfatiza reflexões acima elaboradas, de que na emergência desta fantasia se reflete um destino comum enunciado à partida pelo casal, pois é este que constrói as bases e que potenciam o desenvolvimento de um futuro. Fica marcado para o legado familiar onde a impossibilidade de estabelecer relações de intimidade num espaço onde a força da vida se faça sentir e a expressão do desejo possa encontrar-se livre da transgressão. A eminência de que possa acontecer uma tragédia, demarca-se na forma como o sonho e a esperança se encontram impossibilitados, delineando a forma como as relações se constroem e o fim que os espera. Tal encontra-se patente em todas as gerações: na *segunda geração*, Aureliano e Remédios materializam a impossibilidade de existir a construção de uma relação de intimidade, pois Remédios falece pouco tempo depois do casamento, assim como Amaranta vive uma relação incestuosa com o sobrinho, na *terceira geração* Arcadio morre sem conseguir

experienciar o prazer de ser pai; na *quinta geração* Meme é proibida pela sua mãe de viver o seu amor. Portanto a solidão acompanhou Aureliano e Meme até ao final dos seus dias, enquanto o destino de Arcadío foi a morte.

Verifica-se também a repetição dos nomes a nível geracional que sustem o elo de ligação geracional, como um veículo de transmissão de histórias e experiências, assim como uma proteção à transformação, pois “*os Aurelianos eram retraídos mas de mente lúcida, ao passo que os Josés Arcadío eram impulsivos e empreendedores, mas marcados por um signo trágico*” (Marquéz, 2009, p.149). O nome é uma das formas que personifica aquilo que deve ser transmitido, nunca é apenas uma repetição inócua, mas uma forma de transmitir-se aquilo que se deseja ou se teme. A escolha do nome não é isenta, revela os movimentos psíquicos presentes na família que são transmitidos ao novo elemento. O legado da transmissão é materializado na repetição do nome. Assim na história da família Buendía observa-se o repetir dos nomes, assim como das características de personalidade. Aureliano Segundo e José Arcadío Segundo, até à adolescência foram considerados pela bisavó como “*doidos de nascença*” e Úrsula, por sua vez, interpreta as práticas dos gémeos como defeitos de família, e decreta que mais ninguém se chame Aureliano ou José Arcadío, até ao nascimento do seu tetraneto José Arcadío.

Sendo assim, nome e segredo poderão ser considerados os veículos privilegiados da transmissão psíquica, na tentativa de reter as características identitárias daqueles que partiam e, também, de incorporar as heranças dessas pessoas. Verifica-se, assim, que não há possibilidade de fugir na totalidade à herança, não há existe uma forma infalível de negar a história familiar de cada um (Käes, R., 1993). A história poderia ser mudada, ou reelaborada, a partir de novos laços de filiação, como no casamento e nos relacionamentos interpessoais significativos. No entanto, este fantasma encontra-se internalizado no sistema da família e a mudança parece inalcançável. Ressalta-se a dificuldade em expressar o desejo e de este se encontrar preso a uma consequência mortífera, impondo uma lógica de impotência sobre a família Buendía. Esta forma de agir é dada a conhecer ao longo da história dos Aurelianos, e Arcádios representados na família Buendía.

A culpa revela-se também como um dos conteúdos evidentes em *Cem Anos de Solidão*, podendo mesmo ser considerado um dos motores da família. Este sentimento manifesta-se de formas distintas, nos homens e nas mulheres, dependendo da função que cada elemento desempenha na organização da família. A culpa é sentida num repetir constante de geração em

geração. Talvez a culpa, devido à transgressão das leis enunciadas, pode ser identificada como o sentimento agido pela família como forma de evitar a tragédia familiar, devido à sua dupla consequência. Pois quando este interdito se torna silencioso que se verifica a sua repetição de diferentes formas, e o seu culminar é descrito na sexta geração quando tia e sobrinho vivem a sua paixão e transgridem então este interdito pois “*Naquele Macondo esquecido (...) eram os únicos seres felizes, e os mais felizes sobre a terra*” (Marquéz, 2009, p.318). Aquando do anunciar da chegada de Gastón, o casal “*compreende que estavam tão identificados que preferiam a morte à separação*” (op. cit., p.320).

### **3.3. Melquíades e os Manuscritos**

No desenrolar da história é dado a conhecer, Melquíades o mediador entre o passado, presente e o futuro da família. Melquíades, apesar de omnipresente, marca o percurso da família através da relação que estabelece com José Arcadio Buendía, bem como na forma como fica gravado na memória das gerações que seguem o patriarca, pois permanece presente numa memória comum a todos os membros, em forma de fantasma. É este quem traz para Macondo os manuscritos que anunciam o fim da família Buendía. A particularidade destes manuscritos refere-se ao facto de permanecem indecifráveis aos diferentes membros da família, o que pode ser associando à fatalidade do destino da mesma, pela existência de um segredo que o casal protege.

Melquíades desenvolve-se enquanto uma das personagens secundárias, mas é aquela que é transmitida de geração em geração, como um fantasma da memória da família. É quem faculta os instrumentos que permitem a aprendizagem dos códigos que possibilitam a decifração dos manuscritos. Estes apenas são passíveis de serem elaborados depois da repetição da história, como se a família não possuísse o espaço interno suficiente para poder entendê-lo e compreendê-lo anteriormente. Melquíades, no entanto, confessa aos Aurelianos e a José Arcadio Segundo, que devia se ter chamado de Aureliano, que as suas visitas estariam contadas, “*Mas partia tranquilo para os vales da morte definitiva, porque Aureliano tinha tempo para aprender sânscrito nos anos que faltavam para os pergaminhos cumprirem um século e poderem ser decifrados*” (op. cit., p.282).

Melquíades parece representar uma expressão do conceito de objeto transgeracional idealizado (Eiguer, cit in. Ciccone, 1999) em função de uma identificação alienante (Faimberg, 1993a). Esta minha hipótese advém num primeiro momento pelo carácter imposto pelos objetos transgeracionais da emergência de uma herança inevitável e de estes se reportarem a uma identificação narcísica ao objeto, bem como a ideia patente na dificuldade da elaboração do parente idealizado. Assim tendo em consideração que na família Buendía a passagem do tempo verifica-se através dos vestígios que permanecem na memória dos descendentes, como é o caso de Melquíades. Parece que este mantém vivo o elo de ligação entre as diferentes gerações. Pode então pressupor-se que o vínculo estabelecido com fantasma de Melquíades parece revelar a sobrevivência do antepassado, José Arcadio Buendía na memória dos seus descendentes. Em função de uma *“recordação hereditária tinha-se transmitido de geração em geração e havia chegado até ele, vinda da memória do seu avô”* (Márquez, 2009, p.151). Assim como quando Aureliano (i.e. *sexta geração*) vê Melquíades pela primeira vez; *“pouco depois da morte dos gémeos, viu contra o brilho da janela o ancião lúgubre com o chapéu de asas de corvo, como a materialização de uma lembrança que estava na sua memória desde muito antes de ter nascido”* (Márquez, 2009, p.281). Esta recordação parece indicar a existência de um processo identificatório ao patriarca da família, tendo esta permanecido alienada aos próprios descendentes. Em função de um luto irrealizado e da subsistência de uma herança inevitável.

Em conformidade com o que foi referido anteriormente a personagem de Melquíades, bem como os manuscritos podem também ser entendidos como uma expressão da impotência da família, relativamente ao seu destino, pois o facto de os manuscritos se encontrem presentes nas suas vidas, a inexistência dos códigos para a compreensão do mesmo, impede que a história se torne consciente e que possa existir uma mudança na história.

Os manuscritos parecem representar as criptas presentes no funcionamento familiar, assim como objetos não transformáveis, pois mantêm-se ao longo das diferentes gerações exímias da mudança, assim como têm a função de atacar o processo elaborativo. É nos manuscritos que se encontram guardados os segredos da família, emersos pela vergonha conseqüente da transgressão do interdito, que impondo a lógica da negação da clivagem e da idealização. Estes manuscritos permitem assim evitar o sofrimento protegendo assim o ideal. Os manuscritos parecem também poder ser relacionados com a violência da transmissão quando esta se estabelece para lá do que é

acessível pela linguagem, é a *transmissão da coisa*, podendo ser associada a uma necessidade de interromper a transmissão.

É então aquando da transgressão do interdito imposto pelo fantasma do incesto que o segredo é revelado. É quando o desejo é vivido sem culpa, devido ao desconhecimento do passado, que Amaranta Úrsula e Aureliano Babilónia, tia e sobrinho repetem a história que estava destinada a ser vivida. A força deste elo, desta vez baseado no desejo resulta assim na morte de ambos. Depois da morte de Amaranta Úrsula, Aureliano Babilónia, recaí mais uma vez na curiosidade, e regressa aos manuscritos de Melquíades, agora legíveis como se fossem escritos em castelhano, folheia-o e compreende que “*não sairia nunca desse quarto, pois estava previsto que a cidade dos espelhos (ou das miragens) seria arrasada pelo vento e desterrada a memória dos homens, (...), e que tudo o que neles estava escrito era irrepetível desde sempre e para sempre, porque as estripes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a Terra.*” (Márquez, 2009, p.327-328).

Assim *transgeracionalidade* enquadra-se em *Cem Anos de Solidão* pelo facto de existir desde o início através do legado familiar, a transmissão de uma fantasia. A particularidade desta família revela-se no final da história, onde a resolução do conflito exige o tornar realidade da fantasia transmitida, isto é o nascimento de um membro da família com rabo de porco, e sua morte. “*O primeiro da estirpe está amarrado a uma árvore e o último esta a ser comido pelas formigas*” (op. cit., p.326).

#### 4. Considerações Finais

*“Aucune fiction n’est inventée dans sa  
totalité; il s’agit toujours de l’élaboration  
d’expériences vécues »*

(Márquez, s.d. cit. in Rojas- Urrego, 2003)

À luz da obra *Cem anos de Solidão* tentou compreender-se a trama de *segredos, interditos* e *fantasmas* que são transmitidos de uma geração a outra, possibilitando a compreensão de que o seio familiar permite não apenas a organização das experiências emocionais, mas também a transmissão de aspetos intersubjetivos aos quais nem sempre o sujeito tem acesso. A questão emergente na obra reflete a impossibilidade de um processo elaborativo da experiência afetiva, dentro do seio familiar. Os segredos ou a não revelação das verdadeiras histórias das personagens são apenas uma das formas de transmissão, pois, mesmo escondendo aquilo que se deseja ter, acaba por ser transferido, de modo que o não revelar é uma maneira de enfatizar o interdito, aquilo que ainda não foi elaborado. Este processo culmina em repetições das histórias de vida de forma inconsciente, o que alerta para a não elaboração de conteúdos, colocando-se a hipótese de que a família apreenda os vínculos patológicos e não fomentadores de desenvolvimento.

Os temas desenvolvidos centram-se sobre a impossibilidade de fugir ao destino traçado, imaginariamente, pelos fundadores de Macondo, este mesmo fado encontra-se pré-determinado pela história não contada da família, fazendo com que o interdito do incesto seja experienciado na realidade, denotando-se a transformação de uma fantasia em realidade. Para além de um destino comum, a família pode ser compreendida como uma força para a elaboração e fundação de relações mais ajustadas e que promovam a interação, a mudança e o sonho

Neste sentido, o olhar da transmissão psíquica contribui para existir uma conceptualização das heranças, para que possa lançar novas estratégias de ser e estar em família. As ramificações das gerações, os vínculos afetivos são propostas de interpretação que ultrapassam um destino certo e inequívoco. Investigar esses aspetos da constituição e do desenvolvimento familiar pode contribuir para promover modos mais saudáveis e adaptativos de vida em família, dando espaço para que as diferentes experiências possam ser acolhidas, partilhadas e elaboradas com os diferentes elementos, ainda que num primeiro momento esse processo provoque o sofrimento psíquico e a reavaliação da família de origem e das suas histórias.

Quando é elaborada a análise de uma obra literária um fator imprescindível na sua compreensão é a relação que o leitor constrói com essa mesma obra. É através do seu olhar que a obra adquire múltiplos significados e diferentes sentires. Foi através desta relação que cultivou em mim a necessidade de compreender a história da família Buendía, e de a reconstruir no presente formato.

O meu primeiro contacto com a obra, *Cem anos de Solidão*, teceu desde o início o compasso que tentei explorar ao longo desta tese. Foi através da sensação deixada pela primeira leitura, onde parecia subsistir a destruição, a impossibilidade de mudança, a proibição de relações impulsionadoras do sonho, que me fez debruçar sobre as possibilidades que possam prender qualquer pessoa a um fado não desejado. A fatalidade imposta à família Buendía parecia ser um reflexo da inexistência de um espaço seguro, onde a procura e o desenvolvimento de um sonho pareciam bloqueados. A procura da mudança fazia-se vislumbrar, mas parecia existir uma força estranha que guiava todos os membros da família para o regresso a casa.

O tempo é uma variável que sempre me suscitou curiosidade, principalmente relativamente aos enunciados que vão sendo contados por cada pessoa, a cada momento diferente da sua história. O tempo parece possibilitar diferentes versões de uma mesma história, dependendo do momento onde se encontra, transparendo por vezes uma maior clareza através da distância que o tempo, também impõe.

Úrsula, a matriarca, parece transformar-se numa personagem diferente daquela que foi durante os anos da fundação, conseguindo demonstrar, no final da sua vida uma clareza e empatia com as gerações precedentes que anteriormente lhe pareciam impossíveis. Talvez a sua degradação física, permitiu-lhe um entendimento diferente relativamente ao laço que a ligava às gerações anteriores. Ou talvez como forma de pedir perdão, pois é no último olhar que esta lança sobre a sua estirpe, que parece compreender o sofrimento que presistiu ao longo das diferentes gerações.

Úrsula reconsidera as ideias que tinha sobre os seus descendentes. Apercebe-se que o seu filho “*Coronel Aureliano Buendía (...) nunca tinha gostado de ninguém.*” (Márquez, 2009, p.199), era para ela “*um homem incapacitado para o amor*” (op. cit., p.200). Amaranta com o passar do tempo tornou-se para ela “*a mulher mais terna que jamais existira*” (Márquez, 2009, p.200), compreendendo agora a razão pela qual tinha negado o amor tanto de Pietro Crespi como o Coronel Gerineldo Márquez. Para a mãe de Amaranta a sua postura resultou na “*luta de morte*

*entre um amor desmesurado e uma cobardia invencível, triunfando finalmente o medo irracional”* (loc. cit.). O medo da relação talvez seja a essência desta família.

## Referencias Bibliográficas

- Almeida, M. E. S., (2010) Uma proposta sobre a transgeracionalidade: o absoluto. *Ágora*, Rio de Janeiro. 13:(1), 93-108.
- Baranes, J-J., (1993). « Cap 7: Devenir soi-même: avatars et status du transgénérationel », 170-190, in Käes, R., Faimberg, H., M. Enriquez, M., Baranes, J-J. (ed.). *Transmission de la vie psychique entre génération*, Paris, Dunod.
- Carella, F., Syhirlanzoni, (2000) A. The insomnia plague: a Gabriel García Márquez story. *Neurological Sciences*. (21), 251-253.
- Ciccone, A. (1999). *La Transmission psychique inconsciente*, Paris, Dunod.
- Connoly, A., (2011). Healing the wounds of our father's intergenerational trauma, memory, symbolization and narrative. *Journal of Analytical Psychology*. (56), 607-626.
- Eiguer, A. (1981). “Cap.2: Contribution Psychanalytique a la théorie el à la pratique de la Psychothérapie Familiale ”, 99-148, in Anzieu, D., & Kaes, R. (coord). *La thérapie familiale psychanalytique*, Paris, Dunod.1981.
- Faimberg, H. (1981/1985). “Cap.1: The telescoping of generations: A Genealogy of alienated identifications”, 4-18, in Faimberg, H. (ed.). *The Telescoping of Generations - Listening to the narcissistic links between generations*, London and New York, Routledge.
- Faimberg, H. (1981). “Cap.2: Listening to Listening: An approach to the study of narcissistic resistances”, 19-30, in Faimberg, H. (ed.). *The Telescoping of Generations - Listening to the narcissistic links between generations*, London and New York, Routledge.
- Faimberg, H. (1993a). “Cap.3: Le Télescopage des génération. A propos de la généalogie de certaines identification”, 59-79, in Käes, R., Faimberg, H., M. Enriquez, M., Baranes, J-J. (ed.). *Transmission de la vie psychique entre génération*, Paris, Dunod.
- Faimberg, H. (1993b). “Cap.4: À l'écoute du télescopage des générations : pertinence psychanalytique du concept ”, 112-129, Käes, R., Faimberg, H., M. Enriquez, M., Baranes, J-J. (ed.). *Transmission de la vie psychique entre génération*, Paris, Dunod.

- Faimberg, H., Corel, A. (1989). “Cap.3: Repetition and Surprise: Construction and its validation”, 31-41, in Faimberg, H. (ed.). *The Telescoping of Generations - Listening to the narcissistic links between generations*, London and New York, Routledge. 2003.
- Gomes, I. S. & Zanetti, S. A. (2008). Transmissão Psíquica Transgeracional e Construção de Subjectividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Psicologia UsP*, São Paulo, janeiro/março, 2009, 20 (1), 93-108
- Käes, R. (1993). “Cap.1: Le Sujet de l’héritage”, 1-16, Käes, R., Faimberg, H., M. Enriquez, M., Baranes, J-J. (ed.). *Transmission de la vie psychique entre génération*, Paris, Dunod.
- Käes, R. (1993). “Cap.2: Introduction au concept de transmission psychique dans la pensée de Freud”, 17-56, Käes, R., Faimberg, H., M. Enriquez, M., Baranes, J-J. (ed.). *Transmission de la vie psychique entre génération*, Paris, Dunod.
- Lourenço, L. (2005). *O bebé no Divã- Desenvolvimento precoce: amar e pensar com o bebé eos seus pais*, Coimbra, Almeida.
- Maniadakis, G. (2010). Notes on a case of alienating identification. *International Forum of Psychoanalysis* (19), p. 125-129.
- Márquez, G. (2009). *Cem Anos de Solidão*. Trad. Margarida Santiago. (25.ªed) Lisboa, D. Quixote
- Márquez, G. (2003). *Viver para contá-la*. Trad. Maria do Carmo Abreu. Lisboa, D. Quixote
- Martin, G. (2008). *Gabriel García Márquez- Uma vida*. Trad. Isabel Veríssimo. Lisboa, D. Quixote.
- Pinheiro, C. B. (2008). Heranças Familiares : Transfusão ou Transformação. *Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospitaç Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE*.
- Ruffiot., A. (1981). “Cap.1: Le groupe-familial en analyse. L’appareil psychique familial”, 1-98, in Anzieu, D., & Kaes, R. (coord). *La thérapie familiale psychanalytique*, Paris, Dunod.1981
- Rojas-Urrego, A. (2003). “La filiation dans cent ans de solitude. La *Paternalisation* chez José Arcadio Buendía”, *La Psychiatrie de l’enfant*. 46. 29-44.

Ruiz Correa, O. B. (2003). Transmission psychique entre générations. *Psicologia USP*, 14(3), 35-45.

Scariati, G. (2009). Alienating identifications and the psychoanalytic process. *Int. J Psychoanal.* (90), p.1025-1038.